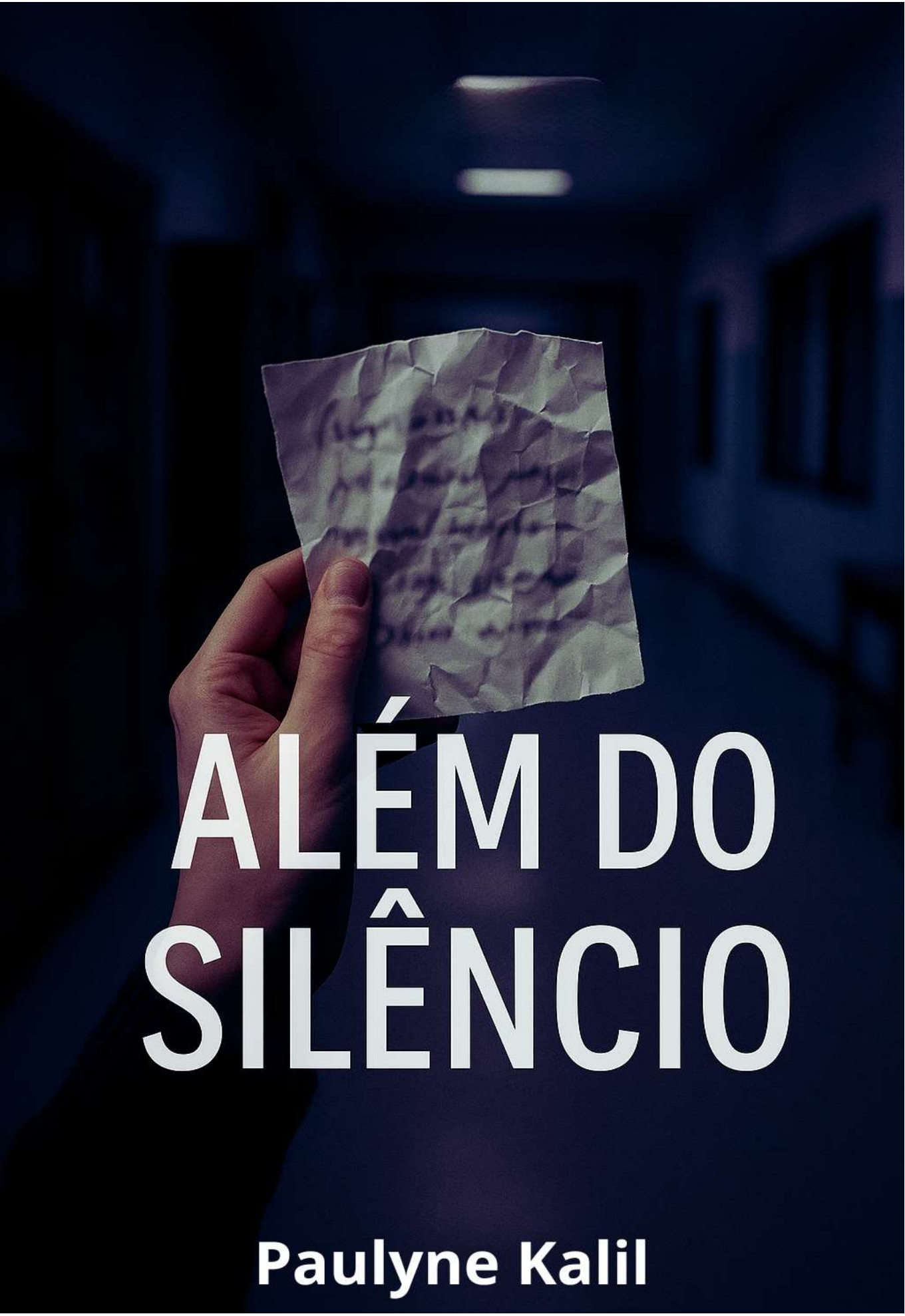




ALÉM DO SILÊNCIO

Paulyne Kalil



ÍNDICE

Capítulo 1 A primeira nota.

Capítulo 2

Capítulo 3 – Sussurros invisíveis

Capítulo 4 – Gatilho

Capítulo 5 – Ruídos e sombras

Capítulo 6 – Eco

Capítulo 7 – A nuvem

Capítulo 8 – A luz depois da chuva

Capítulo 9 – Ecos do silêncio

Capítulo 10 – A voz do silêncio

Capítulo 11 – A voz do silêncio II – O diário de Helena

Epílogo – O som que resta

Capítulo 1

A primeira nota.

Nem todo silêncio é paz.

A sala dos professores ainda cheirava a café requentado quando Livia viu o bilhete.

Dobrado com precisão quase ritual, deixado no centro da carteira, bem onde a pulseira da gratidão costumava descansar durante o recreio. Papel bege, caneta preta, letra curva demais pra ser de aluno.

“Você ri alto demais. É como se quisesse se exhibir.”

Ela parou. Ficou ali por um instante, bilhete nas mãos. Entre o bule encardido e os murais coloridos de cartolina, sorriu, um daqueles sorrisos automáticos de quem não sabe se foi elogiada ou atacada.

“Deve ser piada...” murmurou. Mas sentiu o peito gelar.

Por um momento, a sala pareceu respirar junto com ela. O relógio marcava 9h10, e cada tique ecoava mais forte do que o normal. A caneca esquecida no canto, a cortina amarelada, o murmúrio dos alunos do outro lado da parede — tudo parecia distante, como se o mundo tivesse se recolhido para observar sua reação.

Livia era o tipo de professora que os alunos abraçavam na hora da saída. Não porque ela dava balinha, mas porque fazia a vida parecer menos pesada. Tinha um guarda-chuva florido e risada escandalosa. Toda sexta, usava um broche diferente no jaleco branco: no último mês, foram uma abelha, uma estrela e uma caveirinha de crochê.

Às vezes, pensava que aquele exagero de cor e riso era uma forma de resistência. O mundo podia ser cruel com mulheres felizes demais. E ela sabia disso. Ainda assim, continuava rindo alto, porque calar era o que o mundo esperava dela.

Era divorciada há quatro anos, mas mantinha uma relação harmoniosa com o ex-marido, Daniel. Uma relação que confundia até os mais românticos, não pelo drama, mas justamente pela ausência dele. Eles se respeitavam, conversavam diariamente sobre a rotina das crianças e dividiam os cuidados com maturidade.

Tinha dois filhos. O mais velho, Rafael, era fruto de um relacionamento anterior. Era um menino curioso, negro como a avó materna, com olhos que guardavam perguntas maiores que sua idade. O mais novo, Enzo, era filho biológico de Daniel. Autista, falava pouco mas comunicava mundos inteiros com o olhar.

Daniel nunca fez distinção entre eles. Rafael o chamava de pai desde os dois anos, e ele jamais corrigiu isso. No coração de Daniel, não havia diferença. Na prática, muito menos. Levava Enzo a todas as terapias com paciência e presença, aproveitando a flexibilidade que seu trabalho como médico permitia. Mas também era quem ficava na

arquibancada do futsal gritando o nome de Rafael como se ele fosse o camisa 10 da Seleção.

Quando alguém, por ignorância ou insensibilidade, perguntava se Rafael era mesmo seu filho, Daniel se incomodava visivelmente. Respondia com firmeza:

“Sou o pai, sim. Por quê?”

E sustentava o silêncio da pergunta com o peso de um olhar que dispensava explicações.

Lívia sabia que sua vida, vista de fora, parecia bonita. Colorida. Equilibrada.

Mas também sabia: há quem não suporte ver de perto o que não consegue ter. Principalmente quando a alegria vem de uma mulher que não pede desculpas por ser feliz.

Por alguns segundos, ficou olhando o bilhete, como se ele pudesse mudar se fosse lido mais devagar. E sentiu algo novo: não era medo, ainda. Era uma sensação parecida com quando a luz pisca antes de acabar, o instante em que o corpo percebe o silêncio antes que ele aconteça.

Dobrou o papel devagar e o guardou dentro do estojo. O papel parecia pulsar ali dentro, vivo, inquieto. Ao redor, o murmúrio da escola continuava igual, o som de risadas e passos misturado ao cheiro de café e giz. Mas, dentro dela, algo tinha se calado.

Um silêncio novo.

Um silêncio que parecia querer dizer alguma coisa.

Capítulo 2

Olhos demais.

Às vezes, o perigo tem voz doce.

Na quinta-feira, a escola estava em festa. Era o dia do projeto *Leiturinhas ao Ar Livre*.

Lívia vestiu sua blusa mais alegre, aquela dos flamingos sorridentes. Prendeu o cabelo em dois coques baixos e desenhou um pequeno coração no cantinho da mão com caneta permanente, igual às crianças faziam. Sabia que seria um dia longo, cheio de movimento e risadas. Gostava desse tipo de bagunça organizada, das conversas miúdas, dos alunos folheando livros como quem procura um mapa do tesouro.

Enquanto arrumava as almofadas sob a mangueira do pátio e pendurava livros coloridos nas cordas de barbante, sentiu um arrepio estranho percorrer a nuca. Não era frio. Era diferente, como se o ar tivesse ficado denso de repente, como se algo a observasse.

Olhou em volta. Pais chegando, crianças animadas, o som da contação de histórias saindo da caixa de som com luzes piscando. Tudo parecia normal, e ainda assim, algo não estava.

Até que viu uma pessoa.

Encostada na grade lateral, onde os pais costumavam espiar os eventos. A pessoa sorria, mas os olhos... os olhos atravessavam. Não piscavam. Não participavam da alegria ao redor. Pareciam estar ali há mais tempo que os outros, fixos nela.

Lívia acenou por instinto. Reflexo, cortesia pedagógica. A pessoa retribuiu com um aceno mínimo, sem mover o rosto.

A pele dela se aqueceu. O estômago apertou. Por dentro, algo gritou para sair dali, mas ela fingiu naturalidade, continuou sorrindo, ajeitando almofadas, virando páginas, escondendo o desconforto sob a voz doce de professora.

Mais tarde, quando o pátio já estava vazio e as vozes infantis tinham se dissolvido no fim da tarde, ela foi até a sala dos professores beber água. A garrafa estava sobre a mesa. Reconheceu o adesivo desbotado de girassóis colado na tampa.

Girou o plástico. Solto.

Lívia sempre apertava a tampa. Sempre. Era quase um ritual, um pequeno gesto que a fazia sentir controle sobre algo.

Tomou um gole, hesitante. Um gosto metálico, seco. Ou era impressão? O coração acelerou. Olhou o

armário. Estava trancado, como sempre. Tudo parecia normal, mas a dúvida grudou feito poeira no fundo da garganta.

E então viu.

Em cima da mesa, um papel dobrado com o mesmo cuidado do outro.

Abriu.

“Você age como se vivesse no centro do mundo.

Não percebe que isso cansa quem está em volta?”

O papel era igual. A letra também. Mas dessa vez, ela não sorriu.

Guardou o bilhete com mãos trêmulas, como quem segura algo contaminado. O peito doía com uma mistura de raiva e medo. Sentiu vontade de contar, de gritar, de pedir ajuda. Mas o orgulho e o instinto de autoproteção a calaram.

Quando chegou em casa, Daniel percebeu o silêncio. Perguntou se algo havia acontecido.

Ela hesitou. Olhou os filhos brincando no tapete da sala, a alegria inocente que não merecia ser ferida por nada.

Disse que era só cansaço. Coisa de fim de bimestre.

Daniel a conhecia demais para acreditar, mas respeitou o tempo dela.

Mais tarde, já deitada, o quarto mergulhado em penumbra, Livia pegou o celular. Uma notificação na tela: alguém havia tirado print do story do dia — a foto da roda de leitura, com as crianças ao fundo.

O nome do perfil era genérico, quase anônimo. *observaprof_22*.

Ela clicou. Perfil privado. Zero seguidores. Zero publicações.

Mas seguia apenas uma conta: a dela.

Por um instante, o coração pareceu parar. O quarto ficou pequeno demais, o ar pesado demais.

E, no reflexo da tela, Livia viu os próprios olhos.

Olhos que, agora, também começavam a aprender a desconfiar de tudo.

Capítulo 3

Sussurros invisíveis.

O que se cala também fala.

A manhã chegou silenciosa, mas para Livia parecia um tambor insano batendo dentro do peito. O medo, que antes vinha em gotas, agora era tempestade. Cada respiração soava alta demais, como se o ar tivesse se tornado mais espesso, mais consciente.

No corredor da escola, cada passo ecoava estranho, multiplicando-se atrás dela, como se alguém acompanhasse seu ritmo. As conversas baixas dos alunos, o ranger das portas e o arrastar das mochilas compunham uma sinfonia de nervosismo. Até o som metálico do carrinho da merendeira parecia rasgar o silêncio do seu corpo.

Ela tentava racionalizar. Devia ser o cansaço. Devia ser estresse, paranoia. Mas o corpo não mente. A mente pode tentar disfarçar, mas o corpo sente — e o dela gritava perigo.

No mural da sala dos professores, havia um novo recado. Não era um aviso para todos. Era para ela. Preso com fita crepe bege, alinhado como um lembrete banal. Papel liso, dobrado em três partes iguais.

As mãos de Livia tremeram antes mesmo de tocar o bilhete.

“A alegria demais cansa. Cuidado para não ficar só.”

Três linhas. Nenhum erro. A mesma letra — clara, redonda, calculada. Cada curva parecia desenhada com paciência cruel.

Ela não disfarçou. Sentou-se de costas para os colegas, fechou os olhos por alguns segundos e inspirou fundo, tentando empurrar o medo para dentro.

Não chorou. Ainda não.

No pátio, os alunos corriam com os livros do projeto *Leitura no Pátio* ainda nas mãos. Era bonito de ver, como uma cena de filme que lembrava o porquê de ela amar ser professora.

Mas o amor por aquilo começava a doer.

Sorriu — ou fingiu sorrir.

Os pequenos não tinham culpa do que ela sentia. E na dúvida, ela sorria. Sempre.

Era sua armadura. Sua tentativa de parecer inteira quando, por dentro, rachaduras se abriam sem som.

No banheiro, depois da aula, trancou-se em uma cabine. As mãos estavam frias, os batimentos acelerados.

Olhou para os próprios pés, como se pudesse encontrar ali alguma estabilidade.

Contou até dez. Tentou lembrar o que a terapeuta dizia: *respira, sente o chão, volta pra você*.

Mas o chão parecia fugir.

Pensou em ligar para Daniel, mas ele estava em atendimento. E, na verdade, ela nem sabia o que dizer.

“Estou sendo perseguida?” “Alguém me odeia por rir?” “Por existir assim?”

As perguntas soavam ridículas até o medo responder de volta: *e se for verdade?*

À tarde, no refeitório, o arroz tinha gosto de areia.

Ouviu risadas. Duas professoras conversavam ao fundo, a voz abafada pelos ventiladores.

“Ela sempre quer chamar atenção”, disse uma.

Talvez fosse sobre outra pessoa. Talvez não.

Mas a frase grudou nela como um espinho invisível.

A escola, que sempre fora um abrigo, agora era um palco mal iluminado. E ela, sem saber, era o espetáculo que todos assistiam em silêncio.

À noite, colocou Enzo para dormir.

Ele passou a mão no rosto dela, como quem limpa uma lágrima imaginária.

Lívia desabou por dentro, mas o rosto manteve o mesmo sorriso cansado.

“Tá tudo bem, meu amor. Mamãe só tá cansada.”

Quando o quarto ficou escuro, o celular vibrou. Uma mensagem.

“Nem sempre quem ri é feliz. Às vezes, só quer enganar os outros.”

Número oculto.

Sem resposta. Sem dúvida. Era para ela.

Lívia apagou o celular e o colocou virado para baixo. Abraçou o travesseiro e chorou baixo, para ninguém ouvir.

Não era mais medo. Era exaustão.

De se perguntar, pela milésima vez, o que será que ela tinha feito de tão errado...

...para ser odiada apenas por brilhar.

E, pela primeira vez, começou a se perguntar se o brilho dela valia o preço de continuar aceso.

Capítulo 4

Gatilho.

Toda verdade começa como sussurro.

Foi numa terça-feira comum, e ainda assim o mundo pareceu virar de dentro pra fora.

Lívia chegou à escola com um laço amarelo preso na blusa. Era o dia da campanha contra o bullying, e ela havia preparado uma dinâmica com a turma do 4º ano que envolvia palavras gentis penduradas em um varal colorido. Passara a noite anterior recortando papéis, escrevendo frases como quem costura pedaços de esperança. Estava animada, quase aliviada por sentir de novo o prazer simples de ensinar. Por alguns minutos, acreditou que o dia seria leve.

Até que o mundo lembrou que a paz dela nunca durava muito.

O sorriso murchou quando, ao passar pela sala da coordenação, ouviu o próprio nome. Ficou parada no corredor, escondida atrás do armário de material, o corpo rígido como se o ar tivesse engrossado.

“...não quero julgar, mas já ouvi isso de mais de um pai”, disse uma voz feminina, casual.

“Que tipo de coisa?”, perguntou a coordenadora.

“Que ela... se acha demais, sabe? Que tem algo estranho. Essa mania de querer aparecer o tempo todo.”

O coração de Lívia caiu nos pés.

Não era mais um bilhete. Agora era voz, tom, entonação.

E o veneno vinha embalado em polidez.

No recreio, o celular vibrou. Uma notificação.

Seu nome aparecia num grupo de pais da escola. Um print do story do fim de semana: ela, dançando com os filhos em uma roda de samba.

A legenda dizia:

“Enquanto algumas mães cuidam, outras dançam... #prioridades.”

A imagem não tinha remetente. A conta havia sido apagada.

Mas o recado estava dado.

E cruelmente claro.

Ela sentiu a garganta arder. O chão parecia longe demais. Pensou em se explicar, mas a quem?

Ninguém quer ouvir explicações quando já escolheu um vilão.

No fim da tarde, a coordenadora a chamou. O tom era manso, quase piedoso.

“Lívia, você sabe que eu te admiro. Mas surgiu uma denúncia anônima.”

“Que tipo de denúncia?”, perguntou, com o peito pesando mais que o corpo.

“Dizem que você compartilha fotos dos alunos sem autorização. E que tem favorecimento com certas famílias. Eu sei que pode não ser verdade, mas a SME pediu apuração formal.”

Ela ficou muda. As palavras se dissolveram antes de sair.

Sabia que era mentira. Sempre fora ética, cuidadosa. Cada imagem postada tinha autorização expressa, cada gesto vinha de afeto e responsabilidade.

Mas o poder da dúvida não precisava de provas.

Bastava existir. Bastava ser dita no tom certo, para a pessoa errada.

E de repente, o que era certeza virava suspeita. O que era amor virava ruído.

Quando chegou em casa, o corpo ainda estava no modo automático.

Tirou os sapatos, lavou as mãos, olhou o nada.

O silêncio da casa pesava mais que o barulho da escola.

Daniel apareceu mais tarde com sushi e duas cervejas, tentando resgatar a leveza de antes.

“Você não precisa enfrentar isso sozinha”, disse, com voz suave.

“Mas estou sozinha”, respondeu, sem olhar pra ele.

Ele não insistiu.

Apenas se sentou ao lado dela no chão, o ombro encostando no dela.

Em silêncio. Presente.

Como se dissesse com o olhar: *você não está, mas eu vou deixar você acreditar que está, se isso te ajudar a respirar.*

Horas depois, já deitada, o celular vibrou.

Uma mensagem.

“A máscara tá caindo. E ninguém vai sentir falta quando ela quebrar.”

Lívia leu, apagou.

Foi até o banheiro e acendeu a luz fria.

O espelho refletia uma mulher que parecia inteira, cabelo preso, olhar firme.

Mas sob a superfície, havia fissuras. Pequenas. Invisíveis. Crescendo.

Ela tocou o próprio rosto e sentiu o coração bater no pescoço.
Pela primeira vez, o medo não parecia vir de fora.
Ele já morava ali dentro, arrumando espaço entre as costelas.
E, naquele instante, entendeu algo terrível:
o verdadeiro perigo não era ser odiada.
Era começar a acreditar que talvez merecesse.

Capítulo 5

Ruídos e sombras.

Há olhos que observam mesmo quando não olhamos de volta.

A rotina na escola parecia igual. Crianças correndo, vozes ecoando pelos corredores, o cheiro de giz misturado ao café. Mas, para Livia, nada era mais o mesmo.

Desde a denúncia, algo se quebrou dentro dela. O ar parecia mais denso, os sons mais agudos, o tempo mais lento. Caminhar até a sala dos professores era como atravessar um corredor de espelhos. Tudo refletia sua imagem, mas nada parecia verdadeiro.

A reputação dela era impecável. Os colegas a respeitavam, os pais a admiravam, os coordenadores confiavam nela. Era exemplo de ética, paciência e criatividade. E talvez por isso o que estava acontecendo fosse ainda mais cruel.

Nos últimos dias, pequenos detalhes começaram a inquietá-la. O material da aula aparecia reorganizado de forma diferente. Cadernos trocados de lugar. Folhas que ela jurava ter guardado agora estavam sobre a mesa. Mensagens no grupo de professores ficavam sem resposta. Alguns cumprimentos vinham frios, apressados. E os olhares... sempre breves, sempre desviados.

Mas o que mais a incomodava era Mariana.

Mariana, professora de Língua Portuguesa, tinha um sorriso que parecia gentil, mas escondia algo. Falava baixo, gesticulava pouco, e sempre que Livia passava, ela interrompia o assunto. Na reunião da coordenação, fora Mariana quem mencionara, com falsa inocência, as suspeitas sobre ela.

Naquele dia, as duas se encontraram no corredor. O sol da manhã entrava pelas janelas, mas parecia não iluminar nada.

“Sabia que tem gente preocupada com algumas atitudes suas?”, disse Mariana, ajeitando os óculos, a voz leve demais para o peso da frase.

Livia forçou um sorriso. “Você pode me contar, Mariana? Sempre preferi conversar diretamente.”

O silêncio veio como resposta.

E o silêncio de Mariana doeu mais do que qualquer palavra.

Na sala dos professores, os murmúrios se repetiam. Nomes sussurrados, risadas abafadas, folhas de chamada servindo de disfarce para conversas. Boatos nasciam e se multiplicavam. Diziam que ela

expunha alunos sem autorização, que manipulava projetos, que era bajulada pelos pais por interesse.

Lívia começou a duvidar dos próprios gestos. Será que falava demais? Será que ria alto? Será que, sem perceber, fizera inimigos?

Naquela manhã, entrou na sala e encontrou um envelope sobre sua mesa. Dentro, apenas uma folha com uma frase impressa em letras maiúsculas:

“Os pássaros gritam quando alguém mente.”

Não havia assinatura. O cheiro do papel parecia novo, mas havia uma leve marca de dedo no canto, como se alguém o tivesse deixado com pressa.

O coração dela disparou. Guardou o bilhete dentro do estojo e tentou continuar a aula, mas a voz falhava. Os alunos perguntaram se ela estava bem, e ela respondeu que sim. Ninguém acreditou.

Em casa, Daniel percebeu a mudança.

“Você não é a mesma”, disse ele, encostado no batente da porta enquanto ela lavava as mãos pela terceira vez.

Lívia suspirou. “É só uma fase, prometo.”

Mas o olhar dela era de quem não prometia mais nada.

As mensagens anônimas continuavam.

Fotos tiradas sem autorização.

Comentários difamantes em grupos invisíveis.

“Cuidado com quem finge ser boa demais.”

“A máscara vai cair.”

“Nem sempre quem ensina, aprende.”

Às vezes, a mensagem chegava no meio da noite. Outras, segundos depois de ela postar algo. Era como se alguém estivesse observando tudo em tempo real.

A paranoia se infiltrou como mofo em parede antiga. Lívia passou a desconfiar até dos gestos mais simples. Uma colega que perguntava sobre o projeto de leitura. Um aluno que mexia no celular perto dela. Um pai que a cumprimentava no portão. Tudo parecia carregado de segundas intenções.

Certa tarde, ficou sozinha na escola para organizar materiais. O pátio estava vazio, o sol já descia. O som do portão sendo trancado ecoou distante.

De repente, o rádio da sala de aula ligou sozinho.

Uma interferência breve, chiado, e depois silêncio.

Ela se aproximou devagar, sentindo o coração acelerar. Quando desligou o aparelho, percebeu seu reflexo na janela. Pálido. Tremendo.

Era o mesmo reflexo do banheiro. O mesmo olhar de medo que insistia em voltar.

Naquela noite, Daniel tentou abraçá-la, mas ela se afastou sem perceber. O toque que antes era refúgio agora parecia ameaça.

“Lívia”, ele disse, “me deixa ajudar.”

Ela respirou fundo, os olhos marejados. “Você não pode. É algo que não dá pra provar.”

Deitou-se mais tarde, sem sono. O telefone vibrou. Uma mensagem.

“Nem todos os monstros moram do lado de fora.”

Lívia apagou a tela, mas a frase ficou gravada.

O quarto estava escuro, e ainda assim ela sentia o olhar de alguém ali dentro. O relógio marcava três e quatorze quando ouviu um estalo vindo da sala.

Por um instante, quis levantar. Depois, desistiu.

O medo já não batia à porta.

Tinha achado o caminho para dentro.

Capítulo 6

Eco.

O medo tem cheiro de rotina.

A escola continuava sua rotina frenética. As vozes infantis se misturavam ao som das cadeiras arrastando e dos portões batendo ao longe. Mas, para Livia, cada dia trazia um peso invisível.

Os corredores que antes acolhiam seu passo agora pareciam espaços minados, onde cada olhar desconfiado se transformava em uma ameaça silenciosa.

Ela se esforçava para manter a postura impecável. O sorriso treinado. O tom de voz sempre gentil, firme, equilibrado. Mas, por dentro, algo se fragmentava lentamente.

As manhãs pareciam longas demais. O tempo não passava, apenas escorria, pesado, como se o ar da escola tivesse engrossado.

Mariana continuava lá. Sempre próxima, sempre presente. Não havia confronto aberto entre elas, mas havia algo mais cruel: o olhar fugaz, a ironia sutil nas palavras, o tom enviesado nas conversas.

Era como se Mariana quisesse lembrar, a cada encontro, que estava observando. Ou sendo observada também.

No grupo de professores, começaram a surgir mensagens em horários estranhos. Coisas vagas, nunca diretas. Frases como “precisamos zelar pela imagem da escola” ou “certos comportamentos chamam atenção de forma negativa”. Nenhum nome citado, mas todos sabiam a quem se referiam.

Livia lia cada linha com o coração acelerado. Às vezes, apagava as notificações antes mesmo de terminar a leitura, como se isso pudesse deter o estrago.

Em casa, Daniel tentava ser seu abrigo, mas o apoio dele parecia insuficiente. “Você está fazendo o que pode”, dizia, segurando as mãos dela com cuidado. Ela tentava sorrir, mas o sorriso não chegava aos olhos.

A dúvida, o medo do julgamento, a sensação de exposição constante — tudo isso corroía a alma da professora.

À noite, o silêncio pesava mais do que qualquer ruído.

Livia passava horas olhando o teto, sentindo o coração pulsar nas têmporas.

A mente não parava. Repetia cada cena, cada frase, tentando encontrar lógica no absurdo.

“Será que estou exagerando? Será que é só minha cabeça?”, pensava.

Mas o corpo sabia. O corpo sempre sabe antes da razão admitir.

Numa sexta-feira, após uma reunião tensa com a coordenação, ela arrumava os materiais para ir embora.

Os colegas já tinham saído, e a sala estava mergulhada num silêncio quase hospitalar.

Entre as folhas e os livros, algo diferente chamou sua atenção.

Um envelope branco, sem nome.

Livia o abriu.

Dentro, uma foto impressa em papel comum.

Era Mariana, em pé, ao lado da porta da sala dos professores, olhando para o corredor.

A expressão dela era estranha — não era raiva, nem medo. Era algo entre alerta e desconfiança.

No verso da foto, uma frase escrita à mão:

“Quem observa pode ser observado.”

Livia sentiu o ar faltar.

O chão pareceu oscilar por um instante.

O olhar dela se fixou na foto como se o papel pudesse responder.

Mariana, quem ela começava a desconfiar, parecia estar sendo observada também.

Guardou a foto dentro da bolsa, trêmula.

Por alguns segundos, pensou em ir até a coordenação, mas desistiu.

Quem acreditaria nela agora?

Naquela noite, mal conseguiu jantar.

Daniel a observava em silêncio, percebendo a distância que se alargava entre eles.

Ela estava presente, mas parecia ausente do próprio corpo.

Quando ele tentou tocar seu rosto, ela recuou sem querer.

“Está tudo bem”, mentiu, olhando para o prato vazio.

Mais tarde, no banho, olhou o próprio reflexo no espelho do boxe embaçado.

A água escorria, morna, mas o frio vinha de dentro.

O rosto parecia o mesmo, mas o olhar estava diferente.

Cansado, opaco, quase pedindo desculpas por existir.

No sábado, acordou cedo e foi até a escola para buscar um material.

A portaria estava aberta, mas o prédio vazio.

Os passos ecoavam, e o som dos saltos batendo no chão parecia o de outra pessoa caminhando atrás dela.

Ao passar pela sala dos professores, viu algo se movendo pela fresta.

Empurrou a porta com cuidado.

Nada.

Apenas o ventilador girando devagar, e sobre a mesa, a pilha de relatórios que deixara dois dias antes.

Mas havia algo diferente.

Uma das folhas estava marcada com um círculo vermelho em torno de uma frase.

“Projetos interdisciplinares devem sempre passar por supervisão antes da divulgação pública.”

Ela ficou parada, observando o papel.

Não lembrava de ter usado caneta vermelha.

Um arrepio subiu pela espinha.

Saiu apressada, atravessando o pátio, tentando se convencer de que alguém havia usado sua mesa por engano.

Mas o corpo reagia como se soubesse: nada ali era coincidência.

Na volta para casa, o som do motor do ônibus parecia distante.

Lívia olhava pela janela, vendo a cidade se mover sem vê-la de verdade.

As pessoas pareciam seguras, inteiras, alheias à sensação de estar sendo caçada por algo que não tem rosto.

Em casa, abriu o notebook.

Digitou o nome de Mariana nas redes.

A primeira coisa que encontrou foram comentários de pais elogiando o empenho dela, mas em seguida, publicações truncadas, cheias de indiretas.

Uma dizia: “Cuidado com quem finge estar do seu lado.”

Outra, mais antiga: “Algumas máscaras são tão bem feitas que o próprio rosto esquece como é.”

Lívia ficou olhando a tela por longos minutos.

Cada frase parecia uma seta apontando em todas as direções.

Seria Mariana a vilã? Ou também uma vítima do mesmo jogo?

Na segunda-feira, notou que Mariana parecia mais abatida.

Falava pouco, evitava os corredores.

Durante a hora do recreio, uma das professoras comentou em voz baixa que Mariana estava enfrentando problemas pessoais.

Dificuldades familiares, boatos sobre sua saúde, até questionamentos sobre seu comprometimento profissional.

Lívia ouviu em silêncio.

Um incômodo diferente nasceu dentro dela.

E se tudo fosse uma armadilha maior?

E se alguém estivesse usando as duas como espelhos uma da outra?

À tarde, quando a escola esvaziou, Lívia ficou parada diante da janela da sala de aula.

O pátio refletia o céu cinzento. O vento movia as folhas das árvores como se fossem vozes.

Ela pegou o celular e ampliou a foto do envelope.

Mariana olhava para o corredor com a mesma expressão que Lívia tinha agora.

Era o olhar de quem sabia.

De quem já entendeu tarde demais.

Um som distante quebrou o silêncio.

Parecia uma notificação vindo da mesa.

Lívia se aproximou.

O notebook estava aberto, embora ela tivesse certeza de tê-lo fechado.

Na tela, uma aba do e-mail institucional.

Um rascunho sem remetente, sem destinatário.

No campo do assunto, apenas uma palavra:

“Provas.”

O corpo dela gelou.

Dentro do e-mail, um anexo.

Abriu devagar.

Era um arquivo de texto, com o mesmo tipo de frase que aparecia nos bilhetes anteriores.

“Quem cria a verdade precisa estar disposta a ser devorada por ela.”

Fechou o notebook e respirou fundo.

O coração batia tão rápido que doía.

As mãos tremiam, os pensamentos embaralhados.

Havia alguém se infiltrando em tudo.

Mensagens, fotos, documentos, grupos.

E agora, até no sistema da escola.

No final da tarde, recebeu uma ligação da coordenadora.

“Lívia, podemos conversar amanhã? Precisamos discutir algumas questões sobre sua conduta digital.”

A voz era calma demais.

E o medo, frio demais.

Desligou o celular e ficou em silêncio por alguns minutos.

A casa parecia escura, mesmo com as luzes acesas.

O som da rua, os carros passando, tudo parecia distante.

Enzo dormia no quarto. Rafael fazia dever de casa na sala.

Daniel chegaria mais tarde.

Lívia se encostou à parede e deixou o corpo deslizar até o chão.

Por um momento, fechou os olhos.

Sentiu o coração, o peso, o cansaço.

Quis gritar, mas o som não veio.

Pensou em Mariana.

Pensou nos bilhetes, nas mensagens, nos olhos desviando.

E, pela primeira vez, teve a sensação de que talvez houvesse mais alguém ali.

Um terceiro olhar, escondido atrás de tudo.

Quando Daniel chegou, ela fingiu estar dormindo.

Não queria perguntas.

Não queria respostas.

A madrugada caiu silenciosa.

Do lado de fora, o vento fazia ranger o portão.

Do lado de dentro, o celular piscou sobre a mesa de cabeceira.

Uma nova mensagem.

“Você está mais perto do que imagina.”

Lívia não abriu.

Deixou o aparelho ali, piscando, como um farol dentro do escuro.

O jogo de sombras estava apenas começando.

Capítulo 7

A nuvem.

Quem escreve o bilhete nunca espera ser lido.

Lívia passou a observar Mariana com olhos que misturavam pena e suspeita. Era difícil imaginar que aquela colega tão próxima pudesse estar envolvida na teia de maldade que a cercava. Ainda mais porque Mariana parecia tão frágil, com os problemas pessoais que já circulavam pelos corredores da escola.

Mesmo assim, as mensagens no grupo de professores não paravam. Comentários velados, indiretas disfarçadas, pequenos venenos em forma de frases neutras. Falavam sobre “comportamentos preocupantes”, “condutas que poderiam manchar o nome da instituição”, “profissionais que perdem o limite entre a vida pessoal e o ambiente escolar”. Nenhum nome era citado. Mas não era preciso.

Ela lia cada mensagem com o coração preso na garganta. Sentia o sangue correr mais rápido, os dedos suarem. Tinha a impressão de que o chão da escola se tornara um campo minado.

Numa manhã cinzenta, ao entrar na sala dos professores, viu algo no chão. Uma folha caída, dobrada ao meio, como se tivesse escorregado de uma pasta. Abaixou-se para pegá-la. Era uma cópia de um e-mail antigo, impresso em papel de ofício. Reconheceu o cabeçalho: era um comunicado sobre o projeto de leitura do ano anterior. Seu nome aparecia ao lado de uma família de alunos.

Mas o que mais chamou atenção foram os rabiscos à mão. Palavras como “protege demais”, “usa pra se promover”, “sempre quer aparecer”. Todas escritas em caneta vermelha.

O estômago se revirou. O papel parecia pulsar em suas mãos.

Guardou a folha com cuidado e, mais tarde, durante o intervalo, foi até Mariana. Encontrou-a sentada sozinha, mexendo no celular, o rosto iluminado pela luz fria da tela.

“Você sabe de onde veio isso?”, perguntou, mostrando o papel.

Mariana ergueu o olhar devagar. Um sorriso se formou nos lábios, mas era o tipo de sorriso que não chegava aos olhos.

“Não faço ideia”, respondeu, guardando o telefone na bolsa.

“Deve ser engano.”

A voz soou leve, mas a indiferença doeu como uma bofetada. Livia ficou parada, tentando decifrar se havia medo ou sarcasmo naquele olhar. Não encontrou nenhum dos dois. Encontrou apenas vazio.

Depois daquele dia, a distância entre elas cresceu. O que antes era parceria virou silêncio. Os cafés compartilhados viraram ausências. E os encontros nos corredores se tornaram breves, desconfortáveis, cheios de uma educação fria que feria mais do que qualquer ofensa.

Enquanto isso, os rumores cresciam no grupo de pais. Era como um rio subterrâneo: ninguém via a origem, mas todos sentiam o fluxo. Mensagens trocadas em horários estranhos, questionamentos sobre “a postura de alguns educadores”, fotos antigas republicadas sem contexto.

No portão da escola, os pais que antes sorriam agora desviavam o olhar. Alguns disfarçavam, outros sussurravam. Livia percebia quando os murmúrios terminavam com a palavra “ela”.

Os alunos também começaram a mudar. As crianças mais novas ainda se aproximavam com naturalidade, mas os maiores, os que ouviam conversas em casa, passavam por ela rápido, evitando contato visual. Era uma rejeição silenciosa, mas devastadora.

Certa manhã, enquanto corrigia atividades, sentiu o olhar de Rafael sobre ela. O menino hesitava, como se quisesse falar, mas tivesse medo. “Mãe, por que todo mundo anda te olhando estranho?”, perguntou por fim, num tom tímido, quase sussurrado.

Livia respirou fundo. Sorriu com ternura e o abraçou. “É só uma nuvem passageira, meu amor. Logo vai passar.”

Mas dentro dela, sabia que a nuvem não estava indo embora.

Estava crescendo.

As noites ficaram longas.

Dormia pouco, acordava com o coração acelerado, sentindo o corpo tenso, como se estivesse em alerta permanente.

O som de notificações no celular fazia o sangue gelar.

Cada mensagem, cada vibração, parecia anunciar mais uma ferida.

Começou a anotar mentalmente cada detalhe.

O dia em que alguém entrou na sala e mexeu na prateleira de livros.

O momento em que o registro de presença apareceu assinado antes mesmo de ela chegar.

O armário que encontrou destrancado.

As palavras escritas no quadro da sala, apagadas antes da hora.

Era como se alguém quisesse reescrever a história, um gesto por vez.

Tentou falar com Mariana novamente, buscando explicações. Encontrou a porta da sala fechada. Bateu, esperou, nada.

Mais tarde, cruzou com a colega no corredor.

“Podemos conversar um minuto?”, perguntou.

Mariana parou, olhou por um instante e respondeu, seca: “Agora não.”

Virou as costas e foi embora.

O corredor ficou em silêncio. O som do salto de Mariana ecoou até desaparecer.

Lívia ficou ali parada, sentindo um nó no estômago.

A escola inteira parecia se afastar.

Colegas que antes pediam ajuda agora evitavam cruzar com ela.

Pais deixavam bilhetes impessoais nas agendas das crianças.

A coordenadora andava sempre apressada demais para conversar.

Era como se todos tivessem recebido uma instrução invisível: manter distância.

Naquele final de semana, Daniel tentou levá-la para passear.

“Vai te fazer bem respirar outro ar”, disse, enquanto guardava as chaves do carro.

Ela assentiu, mas no caminho ficou em silêncio. O rádio tocava uma música leve, e mesmo assim

ela sentia um nó no peito.

Do lado de fora, as pessoas pareciam viver normalmente.

Do lado de dentro, Livia se sentia como vidro trincado.

Ainda sustentava o formato, mas bastava um toque errado para se despedaçar.

Naquela noite, quando voltaram para casa, ela não conseguiu dormir.

Pegou o celular e releu as mensagens antigas.

Repassou cada conversa, cada imagem.

Nada explicava o que estava acontecendo, mas tudo parecia apontar para o mesmo lugar: alguém estava manipulando informações, criando uma história paralela.

Decidiu agir.

Criou um perfil falso nas redes, um nome neutro, uma foto de paisagem.

Entrou em grupos da comunidade escolar, observando silenciosamente as conversas.

A princípio, nada.

Depois de alguns dias, percebeu padrões: horários de mensagens, perfis que surgiam e sumiam, frases copiadas em lugares diferentes.

Uma madrugada, encontrou algo.

Um comentário em uma postagem antiga de um evento da escola.

“Alguns professores esquecem que educar não é aparecer.”

A frase estava assinada por um perfil genérico: **observa_22**.

O mesmo nome da conta que havia tirado print dos stories semanas antes.

O coração dela disparou.

As mãos tremiam enquanto rolava a tela, observando o histórico de comentários.

O perfil interagia apenas com postagens da escola.

Nenhuma foto. Nenhum seguidor. Nenhuma identidade.

Por um momento, pensou em mostrar para Daniel.

Mas algo a deteve.

Uma voz interna, calma e fria, dizia que era melhor esperar.

“Antes de gritar socorro, descubra quem está do outro lado.”

Nos dias seguintes, passou a observar tudo.
Chegava mais cedo, saía mais tarde.
Percebia quem olhava demais, quem cochichava.
Anotava horários, gestos, coincidências.

A sensação de perseguição começou a se misturar com uma estranha lucidez.
Era como se o medo tivesse aberto uma nova forma de enxergar.

Certa manhã, viu Mariana sozinha na varanda da escola, o olhar perdido no pátio.
Por um segundo, hesitou. Depois se aproximou devagar.
“Você está bem?”, perguntou, a voz baixa, sem acusação.

Mariana virou o rosto, surpresa.
“Por que a pergunta?”

“Porque você parece cansada. E eu também.”

As duas ficaram em silêncio.
O vento passava pelas janelas, levantando folhas de papel sobre as mesas.
Por um instante, não havia guerra.
Havia apenas duas mulheres cansadas de serem julgadas.

Mariana desviou o olhar.
“Nem tudo é o que parece, Lívia.”
E saiu, deixando a frase no ar.

Aquela frase ficou martelando o dia inteiro.

Na saída, Lívia foi até o estacionamento.
O carro estava coberto por uma fina camada de poeira.
No vidro traseiro, alguém havia passado o dedo e escrito uma única palavra: **culpada**.

O corpo dela congelou.
Olhou em volta, mas o pátio estava vazio.
A respiração ficou curta, o coração batendo no pescoço.

Entrou no carro e ligou o motor, mas não conseguiu sair de imediato.

Ficou parada, observando o reflexo do portão pelo retrovisor.
Por um instante, teve a certeza de que havia alguém ali, olhando.
Depois piscou.
Nada.

A estrada até em casa foi um borrão.
O rádio desligado, o pensamento repetindo a mesma pergunta:

“Quem está por trás disso?”

Naquela noite, sentou-se no chão do quarto e espalhou os papéis que vinha guardando.
Bilhetes, impressões de mensagens, capturas de tela.
Tudo diante dela, como um quebra-cabeça feito de medo.

Aos poucos, começou a perceber conexões sutis: datas que coincidiam, frases repetidas, perfis que interagiam no mesmo horário.

Não era um acaso.

Havia método.

Havia intenção.

O inimigo não era o caos.
Era alguém que conhecia a rotina, os medos, o círculo social, os horários.
Alguém próximo demais.

Na madrugada, o celular vibrou.
Mensagem desconhecida.
“Gostou da foto nova?”

Nenhum anexo.
Mas, minutos depois, uma notificação no e-mail.
Abriu.
Era uma foto sua, tirada da janela da própria casa.
Ela estava de costas, pendurando uma toalha.

O corpo dela parou.
O medo se tornou físico.

Desligou o computador e apagou o celular.

Deitou-se com o coração descompassado.

Os olhos ardiam, mas o sono não vinha.

A nuvem, agora, era tempestade.

E o trovão que se aproximava não vinha de fora.

Vinha do espelho, do reflexo, da certeza de que alguém conhecia cada fresta da sua vida.

Capítulo 8

A Luz Depois da Chuva.

Entre a culpa e a inocência, há sempre quem observe.

A manhã amanheceu cinzenta e pesada, como se o céu pressentisse o que estava por vir. O ar carregava uma eletricidade silenciosa, como antes de uma tempestade.

Os portões da escola se abriram lentamente, e o som das vozes infantis parecia mais contido, como se até as crianças sentissem que algo estava prestes a acontecer.

Lívia chegou cedo. Carregava a pasta contra o peito, os passos calculados, o coração apertado. As últimas semanas haviam sido um campo de batalha — uma guerra sem corpo, mas com feridas reais. Cada olhar suspeito, cada mensagem anônima, cada insinuação fora uma lâmina cortando em silêncio.

Agora, era o dia de enfrentar tudo.

A sala de reuniões estava organizada com uma precisão desconfortável. As cadeiras alinhadas, as janelas entreabertas, a mesa central coberta de papéis.

Os professores, a coordenação e dois membros da direção sentavam-se em torno da mesa, evitando o olhar uns dos outros.

O som do relógio na parede parecia mais alto do que deveria.

A coordenadora iniciou a reunião com voz calma, porém tensa.

“Precisamos esclarecer tudo isso. Não podemos permitir que fofocas destruam a reputação de uma profissional tão dedicada como a Lívia. Mas também precisamos apurar as denúncias de forma transparente.”

As palavras dela ecoaram na sala, frias e firmes.

Lívia sentiu o peso dos olhares sobre si.

O corpo queria encolher, mas ela manteve a postura.

Respirou fundo, olhou em volta e respondeu com serenidade.

“Estou à disposição para colaborar em tudo o que for preciso. Nunca agi de forma incorreta e quero que a verdade venha à tona.”

Houve um breve silêncio.

Os papéis se moveram sobre a mesa, e a tensão parecia pulsar no ar.

Foi então que Mariana, sentada do outro lado, olhou discretamente para ela.

Havia algo diferente no rosto da colega. Um misto de medo e arrependimento.

Ela se levantou, caminhou devagar até Lívia e colocou um envelope grosso sobre a mesa.

“Acho que isso pode ajudar”, murmurou, sem encará-la.

Lívia ficou imóvel por um instante, tentando compreender o gesto.

Depois abriu o envelope com cuidado.

De dentro, retirou uma pilha de folhas impressas, bilhetes, capturas de tela e prints de conversas. Mensagens anônimas, fotos manipuladas, ameaças disfarçadas de conselhos, relatos distorcidos. E no meio daquela avalanche, uma série de publicações em redes sociais criadas com perfis falsos.

O nome que aparecia por trás de tudo era um que ela conhecia bem.

Camila.

A mãe de um aluno.

A mulher que, desde o início, parecia acompanhá-la à distância.

Sempre presente nas reuniões, sempre gentil, sempre com perguntas demais.

A mesma que, certa vez, havia se queixado do “excesso de exposição” de um trabalho escolar.

A mesma que, aos poucos, se tornara sombra.

Lívia sentiu um arrepio percorrer o corpo inteiro.

O ar faltou por um instante.

Olhou para Mariana, que agora mantinha os olhos fixos no chão.

“Ela me procurou também”, disse Mariana, a voz trêmula. “Disse que queria ajudar, que tinha provas contra você. Mas eu comecei a desconfiar quando percebi que as mensagens eram editadas. Ela manipulava tudo. Eu guardei o que consegui antes que apagasse as conversas.”

A coordenadora se aproximou, pegando o envelope das mãos de Lívia.

Passou os olhos rapidamente pelos papéis, depois olhou para os outros membros da direção.

“Diante dessas provas, vamos solicitar uma investigação formal junto à Secretaria Municipal de

Educação”, disse com firmeza.

“Também será registrada uma denúncia na delegacia por calúnia, difamação e ameaça. Ninguém mais pode fingir que isso é apenas fofoca.”

O silêncio tomou conta da sala.

Por alguns segundos, ninguém respirou.

O som da chuva começando lá fora parecia pontuar o momento.

Lívia manteve os olhos baixos.

Sentia o corpo leve e pesado ao mesmo tempo.

Leve por ver a verdade emergir.

Pesado por tudo que precisou perder até chegar ali.

A reunião terminou lentamente.

Alguns professores se aproximaram dela, oferecendo abraços tímidos, palavras curtas de apoio.

Outros apenas evitaram o olhar, constrangidos.

O pedido de desculpas coletivo veio nas entrelinhas — no gesto de servir café, no toque breve no ombro, na forma como voltaram a pronunciar seu nome sem hesitar.

Nos dias seguintes, a notícia se espalhou.

Camila havia sido oficialmente notificada e perdera o acesso às dependências da escola enquanto o processo corria.

A equipe mostrou apoio. Pais e alunos enviaram mensagens, reafirmando a confiança na professora.

Alguns vieram até ela pessoalmente, emocionados, pedindo perdão por terem duvidado.

Mas mesmo com o alívio, as marcas permaneciam.

Lívia descobriu que o medo deixa rastros invisíveis.

Mesmo depois que a ameaça desaparece, ele continua espreitando pelos cantos da mente.

Ela voltou a dar aulas, mas com outro olhar.

Mais atento, mais seletivo, menos confiante.

Percebia as crianças com mais ternura e os adultos com mais cuidado.

Aprendeu a ler o silêncio tanto quanto as palavras.

Certa tarde, uma aluna se aproximou e deixou um bilhete sobre a mesa.

“Professora, gosto do jeito que você ri. Parece que o mundo fica mais leve.”

Lívia sorriu.

Guardou o papel na carteira, ao lado dos outros — aqueles que antes a feriam, e agora serviriam como lembrança de sobrevivência.

Naquela noite, quando chegou em casa, o céu ainda estava carregado.

Daniel a esperava na sala, o semblante cansado, mas aliviado.

“Como foi o dia?”, perguntou, entregando-lhe uma xícara de chá quente.

Ela se sentou no sofá, as pernas cruzadas, as mãos aquecidas pela porcelana.

“Foi estranho”, respondeu. “Como se tudo tivesse voltado ao normal, mas sem ser o mesmo.”

Daniel assentiu em silêncio.

Sentou-se ao lado dela e segurou sua mão.

“Você nunca esteve sozinha”, disse. “Nunca.”

Lívia olhou para ele e sorriu. Um sorriso pequeno, mas verdadeiro.

“Eu sei”, respondeu.

O relógio marcava nove da noite.

No quarto, Rafael fazia dever de casa, e Enzo já dormia, abraçado ao travesseiro.

Lívia passou pelos dois, ajustou o cobertor e apagou as luzes.

Depois ficou parada na porta, observando o quarto em silêncio.

O coração ainda batia acelerado, mas o medo agora era outro — não mais o de ser destruída, e sim o de esquecer o que aprendeu com a dor.

No espelho do corredor, viu o próprio reflexo.

Os olhos ainda tinham sombras, mas também brilho.

A mulher que olhava de volta parecia diferente.

Mais calma. Mais forte. Mais real.

Antes de dormir, sentou-se na beira da cama e chamou Rafael.

“Sabe, filho, às vezes quando alguém ri demais o mundo não entende. Mas quem ri demais tem uma coragem enorme.”

Rafael sorriu, meio sonolento, e segurou a mão dela.

“Então você é muito corajosa, mãe.”

Ela beijou a testa do menino e respondeu baixinho.

“Estou aprendendo a ser.”

O quarto mergulhou no silêncio, e por um instante, ela sentiu o peso da paz. Era um tipo de tranquilidade nova, feita de cansaço, mas também de gratidão. Lívia deitou-se, olhou o teto e deixou o corpo relaxar.

Do lado de fora, o vento ainda balançava as árvores. Mas, pela primeira vez em muito tempo, o som não a assustou.

Antes de adormecer, pensou em tudo o que vivera. As acusações, os olhares, o medo. Pensou em Mariana, em Camila, nas crianças, em Daniel. Pensou em quantas vezes acreditou estar sozinha.

E sorriu.

Não um sorriso de vitória, mas de entendimento. Porque a luz, ela percebeu, nunca vem de fora. Ela nasce devagar, dentro das frestas, mesmo quando tudo parece escuro demais.

Na manhã seguinte, a chuva cessou. O sol surgia tímido entre as nuvens, refletindo nas janelas da escola. O portão se abriu novamente, e as vozes infantis voltaram a encher o ar.

Lívia caminhou até sua sala. Colocou o crachá no peito e, antes de começar a aula, respirou fundo. O cheiro de giz e café voltou a parecer familiar. O barulho de passos, acolhedor.

E, naquele instante, entendeu o que realmente significava seguir em frente.

Não era esquecer. Era lembrar sem sangrar.

Era existir depois da queda.

Era rir, mesmo quando o mundo não entende.

Porque quem ri demais, pensou, não está só.

Está viva.

Capítulo 9

Ecos do Silêncio.

A luz mais forte é a que nasce depois da queda.

A campainha tocou às 10h23.

Camila não esperava ninguém.

Estava descalça, o café frio entre os dedos, a televisão ligada sem som. A imagem da manhã passava na tela, mas ela não via nada. Apenas o eco dos próprios pensamentos.

O carteiro entregou o envelope com o carimbo oficial.

Ela assinou sem olhar, com uma calma forçada, como quem já sabe o conteúdo antes de ler.

Fechou a porta e encostou-se nela.

O som seco da madeira pareceu selar um destino.

Respirou fundo, e o ar lhe pareceu ácido.

As paredes pareciam menores, o chão mais distante.

Abriu o envelope. As palavras estavam ali, frias e impiedosas.

Calúnia. Difamação. Ameaça. Representação formal. Proibição de contato com a vítima.

Cada termo era um soco silencioso, um lembrete de que o jogo acabara.

Camila ficou parada, os olhos fixos nas linhas.

E, então, o tempo parou.

Um filme começou a se projetar na parede branca à sua frente.

Não um filme real, mas uma sucessão de lembranças que ardiam como se tivessem acabado de acontecer.

A mente, cruel, começou a rebobinar o caos que ela mesma criou.

Primeira cena.

Um bilhete dobrado com cuidado, escondido sob o estojo de uma professora na sala dos professores.

A letra copiada de um livro didático antigo, para parecer genérica.

"Ela está se aproveitando da posição para se autopromover."

Camila quase sorriu ao lembrar da sensação.

O prazer de plantar a dúvida. O poder de ver o caos crescer.

Segunda cena.

O print do story da Livia no samba.

Camila esperou o momento certo — sábado à noite, quando mães estão entediadas e julgadoras.

Postou no grupo:

"Enquanto algumas mães cuidam, outras dançam..."

E saiu logo em seguida, antes que pudessem responder.

No dia seguinte, criou outro número, sem foto, sem nome.

Ela sabia como o veneno funcionava.

Lento, discreto, mas certo.

Terceira cena.

A manipulação de imagens.

Pegou a foto de um projeto escolar e fez uma montagem sutil, quase imperceptível.

Inseriu frases fictícias em balões de fala, insinuando favoritismo, provocação.

Enviou para três mães aleatórias com a legenda:

"Você viu isso? Parece errado pra você também?"

Nunca acusava diretamente.

Só instigava.

Quarta cena.

A denúncia anônima à coordenação.

Escrita no Word, impressa numa lan house distante, assinada apenas como “uma mãe preocupada”.

Mentira.

Mas escrita com a precisão de quem ensaia o ódio há muito tempo.

Camila piscou, tentando afastar as imagens.

Mas elas vinham em ondas, invadindo cada canto da mente.

O som das risadas de Livia em eventos da escola. A leveza dela com os alunos.

A forma como os outros a admiravam sem esforço.

Lívia era tudo o que ela queria ser.
Ou tudo o que ela não suportava ver.

Camila sentou-se no chão.
As mãos tremiam. O envelope escorregou de seus dedos.

“Ela não era melhor do que eu”, murmurou, com a voz fraca.
Mas, no fundo, sabia que era exatamente isso o que acreditava e nunca quis admitir.

Era inveja.
Da alegria.
Da segurança.
Do amor natural dos filhos.
Do ex-marido que ainda a respeitava.
Do simples fato de que Lívia sorria sem pedir permissão.

Agora, com o nome manchado e o processo aberto, Camila se viu pela primeira vez pequena.
E pela primeira vez, com medo.

Chorou em silêncio.
Rasgou a intimação e depois colou com fita, arrependida.
Encostou-se ao sofá e deixou o corpo afundar.

A máscara, que jurava ser da Lívia, talvez tivesse sido dela o tempo todo.

Do outro lado da cidade, a chuva fina caía sobre os vidros da escola.
Lívia observava o pátio vazio, sentindo o som da água tocar o chão.
A paz era real, mas frágil, como vidro recém-polido.

A reunião havia terminado há dias, mas as memórias ainda vibravam dentro dela.
Agora, o nome de Camila estava estampado nos relatórios oficiais.
Os grupos de mensagens haviam silenciado.
A escola tentava retomar a rotina.

Mesmo assim, Lívia sabia que algumas feridas não cicatrizam.

Elas apenas se acomodam dentro da gente, esperando o momento certo para lembrar que ainda existem.

No corredor, Mariana se aproximou.
Trazia um semblante leve, mas os olhos denunciavam cansaço.
“Como está?”, perguntou.

Lívia sorriu de forma sincera.
“Melhor. Ou tentando estar.”

As duas ficaram em silêncio por alguns segundos.
O barulho da chuva parecia cobrir o que nenhuma delas tinha coragem de dizer.

“Obrigada por tudo”, disse Lívia por fim.
“Não me agradeça”, respondeu Mariana. “Fiz o que devia ter feito antes.”

Houve um breve aceno e, depois, silêncio.
Mas era um silêncio bom, o primeiro em muito tempo que não parecia ameaçador.

Em casa, o clima era outro.
Daniel voltou a rir nas pequenas coisas.
Rafael retomou os estudos sem medo de ser apontado como “o filho da professora”.
E Enzo, pequeno demais para entender, apenas dormia tranquilo.

Lívia, porém, ainda carregava um olhar de alerta.
Como quem aprendeu que o perigo gosta de se disfarçar de rotina.

Uma noite, sentou-se diante do computador para organizar os documentos do processo.
Enquanto revisava os arquivos, notou algo estranho entre as pastas enviadas pela escola.
Um arquivo sem nome, criado três dias antes da reunião.
O ícone parecia comum, mas a data e o horário não batiam com os registros oficiais.

Abriu o arquivo.
O conteúdo era um relatório parcial, supostamente redigido pela SME.
Mas algo chamava atenção: as informações eram precisas demais, com detalhes que nunca haviam

sido divulgados publicamente.

E, ao final do texto, uma assinatura digital desconhecida.

O documento não vinha da secretaria.

Lívia sentiu um arrepio percorrer a pele.

Fechou o computador devagar e se recostou na cadeira.

Pensou em Camila.

Pensou no quanto alguém precisaria saber para manipular documentos daquele jeito.

Havia algo além da obsessão de uma mãe.

Decidiu imprimir o arquivo e mostrar à coordenação no dia seguinte.

Mas, naquela noite, sonhou.

Sonhou com a sala dos professores escura.

Com papéis flutuando ao redor.

E com vozes dizendo seu nome, uma e outra vez.

Acordou com o coração disparado e uma sensação inquietante de que a história ainda não tinha terminado.

Dias depois, a coordenadora ligou cedo.

“Lívia, precisamos conversar sobre uma coisa estranha. Recebemos um e-mail anônimo citando seu caso, mas não veio de Camila. O endereço é institucional, mas não reconhecemos o remetente.”

Lívia ficou em silêncio.

A coordenadora prosseguiu:

“O conteúdo é... perturbador. Fala sobre manipulação de dados e cita outros professores. Há prints, documentos, coisas que não deviam estar ali.”

O corpo de Lívia gelou.

“Outros professores?”, perguntou, a voz rouca.

“Sim. E tem um trecho que diz: ‘Ela foi só a primeira’.”

A ligação terminou, mas o eco da frase permaneceu.

Naquela tarde, Livia foi até a escola.
O pátio estava vazio, o céu nublado de novo.
Entrou na sala de reuniões e encontrou a coordenadora com uma expressão grave.

“Quer ver?”, perguntou ela.

Livia assentiu.
O e-mail estava impresso.
Não havia assinatura.
A escrita era polida, calculada.
Mas as entrelinhas eram venenosas.

As acusações eram semelhantes às que Camila havia feito, mas agora dirigidas a outra professora, de outra unidade escolar.
E, entre os anexos, estavam arquivos com o mesmo tipo de falsificação: montagens, prints manipulados, trechos de conversas recortados.

O padrão era o mesmo.

Mariana, que também fora chamada, chegou alguns minutos depois.
Olhou o material, empalideceu.
“Isso não é novo”, murmurou. “Esse estilo... essas montagens... já vi algo assim antes.”

Livia sentiu o coração bater mais forte.
“Antes?”, repetiu.

Mariana assentiu.
“Quando eu trabalhava em outra escola, houve um caso parecido. A vítima pediu transferência e depois desapareceu das redes. Nunca soubemos quem começou tudo.”

O silêncio caiu pesado sobre a sala.

A coordenadora fechou a pasta e suspirou.
“Talvez estejamos lidando com algo maior do que imaginávamos.”

Naquela noite, Livia voltou para casa em silêncio.

Daniel notou a expressão preocupada, mas não perguntou nada.

Ela jantou com os filhos, os colocou para dormir e voltou para o computador.

Abriu o e-mail misterioso que havia recebido dias antes, aquele com o arquivo suspeito.

Dessa vez, decidiu olhar além do conteúdo.

Verificou os metadados.

Entre os códigos e informações ocultas, uma linha chamou atenção.

Origem: **rede_sme_rj.sec**

Usuário: **adm-o4**

Localização: confidencial.

Fechou os olhos por um instante.

O documento vinha de dentro do sistema da própria secretaria.

Alguém com acesso institucional havia participado da manipulação.

Lívia se levantou devagar, sentindo o coração latejar.

O caso de Camila era só a superfície.

Havia uma rede, silenciosa e eficiente, alimentando o caos.

Pegou o telefone e ligou para Mariana.

“Não conte a ninguém, mas acho que encontrei algo.”

Do outro lado da linha, silêncio.

Depois, um sussurro: “Então a gente precisa continuar.”

Dias depois, as duas começaram a investigar discretamente.

Mariana conhecia uma amiga que trabalhava em outra escola e havia passado por algo semelhante.

Mensagens anônimas. Manipulações. Desconfianças plantadas.

O padrão era idêntico.

E, em todos os casos, o início parecia vir de perfis criados dentro dos grupos institucionais.

As duas reuniram provas, imprimiram conversas, salvaram registros.

Foram até a delegacia.

O investigador olhou os documentos, surpreso.

“Isso parece mais sofisticado do que uma simples vingança pessoal”, disse. “Essas manipulações vêm de dentro de um sistema protegido. Alguém está usando brechas internas.”

Lívia assentiu, o olhar firme.

“Então quem está por trás disso não é só uma mãe com raiva. É alguém que quer destruir reputações. Talvez por poder. Ou por diversão.”

O investigador suspirou.

“Ou pelas duas coisas.”

As semanas seguintes foram um borrão.

Reportagens começaram a surgir em pequenos blogs, depois em jornais locais.

“Professores vítimas de ataques digitais em série.”

“Casos de difamação e sabotagem em escolas públicas chamam atenção da SME.”

Lívia não falava com jornalistas.

Recusava entrevistas.

Mas sabia que, de algum modo, sua história havia acendido algo maior.

Numa noite fria, recebeu uma mensagem sem remetente.

“Você mexeu no que devia ficar quieto.”

Apagou na hora, mas o coração acelerou.

Abriu a janela, olhou para a rua vazia.

O vento soprava, trazendo o som distante de um cachorro.

Por um instante, o medo voltou.

Mas era diferente agora.

Não paralisava.

Fazia mover.

Ela sabia que não podia recuar.

Fechou o notebook, guardou as provas numa pasta de couro e pensou em tudo o que vivera.

Camila era só uma peça.

O tabuleiro era muito maior.

No espelho da sala, o reflexo mostrava uma mulher que aprendeu a duvidar das aparências, mas não da própria força.

E, enquanto apagava as luzes, sussurrou para si mesma:

“Agora eu observo.”

Lá fora, o céu clareava.

A chuva parara.

Mas o som do trovão ainda ecoava distante — como um aviso de que a tempestade, na verdade, nunca vai embora.

Capítulo 10

A Voz do Silêncio

Alguns monstros preferem usar crachá.

Lívia voltou à escola na segunda-feira com passos firmes, mas por dentro, ainda costurava os buracos deixados por meses de dor invisível.

As nuvens tinham se afastado, mas não completamente. O céu permanecia com aquele cinza indefinido, entre a promessa de sol e a ameaça de chuva.

As investigações estavam em andamento. A SME acompanhava o caso e a delegacia do bairro já havia chamado Camila para depor.

O boletim de ocorrência, agora público, circulava nos bastidores da escola como um segredo mal guardado, repetido em sussurros por trás de portas entreabertas.

Lívia caminhava entre eles sem abaixar a cabeça.
Sabia que o verdadeiro poder estava em manter-se ereta, firme, em silêncio.
A verdade, como a luz, sempre encontra uma fresta por onde passar.

Na manhã de terça, ao chegar à escola, viu uma movimentação incomum no portão.
Camila estava lá, do outro lado da grade, parada, estática, os olhos fixos nela.
Não falou nada. Não gritou.
Apenas olhou.

Foi um olhar frio, cravado de ressentimento.
Um olhar que pedia para ser temido.

Mas dessa vez, Lívia não desviou.
Segurou o olhar da outra, imóvel, serena.
E naquele silêncio sem som, havia uma troca de verdades não ditas.
Eu sei o que você fez.
Eu sei que você sabe.

Um guarda se aproximou do portão e pediu que Camila se retirasse.
Ela obedeceu sem dizer uma palavra.

Mas o olhar ficou ali, mesmo depois que o corpo se foi.

Na reunião pedagógica daquela semana, a coordenadora discursou com firmeza diante de todos.

Falou sobre ética, sobre cuidado, sobre violência que não deixa hematomas.

“Estamos reforçando os protocolos de proteção aos servidores”, disse. “Nossa escola deve ser um espaço de acolhimento, não de ataque. Toda forma de violência, inclusive moral e psicológica, será combatida.”

As palavras ecoaram na sala.

Alguns professores assentiram, outros desviaram o olhar.

Mas para Livia, aquelas frases eram mais do que discurso.

Eram um reconhecimento.

Um pedido de desculpa disfarçado em política institucional.

Sentiu os olhos marejarem, mas não chorou.

Pela primeira vez em meses, as lágrimas vinham de um lugar diferente.

Não de medo, mas de validação.

Quando todos saíram, ficou sozinha por um instante, observando a chuva que voltava fina do lado de fora.

No fim da tarde, ao abrir o armário da sala dos professores, encontrou um pequeno post-it azul colado na porta.

A letra era familiar, mas tremida.

“Você venceu essa. Mas máscaras sempre caem.”

Livia respirou fundo.

Não era ameaça. Era desespero.

E dessa vez, não a abalou.

Guardou o papel.

Não como prova, mas como lembrança de que havia resistido.

À noite, em casa, sentada no sofá com Enzo dormindo no colo e Rafael jogando no tapete, Daniel trouxe um chá quente.

“Hoje foi um bom dia?”, perguntou, sorrindo de leve.

“Foi um dia silencioso”, respondeu. “Mas o silêncio, às vezes, é um grito de paz.”

E naquele silêncio, ela entendeu.

O confronto já havia acontecido.

Não nos tribunais, nem nos corredores da escola.

Mas dentro dela.

E, pela primeira vez em muito tempo, ela venceu.

Nos dias seguintes, a calma parecia se firmar.

O sol voltava a entrar pelas janelas da sala.

As crianças brincavam no recreio, as risadas soavam leves, e a rotina começava a reconstruir-se.

Mas, aos poucos, sinais estranhos começaram a reaparecer.

Coisas pequenas, quase imperceptíveis.

Um documento impresso com erros que Lívia nunca cometia.

Uma mensagem apagada no grupo institucional.

Um comentário velado de uma funcionária da secretaria, que parecia saber demais.

Mariana também percebia.

“Você sente que ainda tem algo errado?”, perguntou ela numa tarde, enquanto organizavam materiais.

“Sinto. Como se alguém observasse, esperando o momento certo de agir.”

Mariana suspirou.

“A SME me chamou para uma reunião ontem. Parece que descobriram inconsistências em registros de e-mail e documentos oficiais. Alguém de dentro alterava os arquivos.”

Lívia parou de escrever.

“De dentro?”, repetiu.

“Sim. O técnico responsável por TI disse que os acessos são internos. Perfis administrativos. Nada a ver com Camila.”

As duas se entreolharam.

O caso parecia resolvido. Mas agora, uma sombra nova se formava.

Na sexta-feira, um envelope pardo foi deixado na portaria da escola. Sem remetente, apenas com o nome de Lívia no centro. Dentro, havia cópias de documentos oficiais — relatórios da SME, comunicados internos e, entre eles, um arquivo digital criptografado, num pen drive. Um bilhete acompanhava:

“Nem tudo acabou. Algumas máscaras ainda estão de pé.”

O corpo de Lívia estremeceu. Levou o material até a coordenadora, que imediatamente entrou em contato com a secretaria. Horas depois, a resposta veio:

Nenhum funcionário havia enviado nada.

Na segunda-feira, a escola recebeu a visita de dois investigadores. Vieram em nome da Delegacia de Crimes Cibernéticos. Tinham autorização da SME para examinar os documentos.

Lívia assistia à movimentação de longe, sentindo um misto de medo e dever. Um dos agentes, um homem calmo de fala pausada, aproximou-se dela no corredor.

“Professora Lívia, a senhora mencionou ter recebido mensagens e arquivos semelhantes antes?”

“Sim”, respondeu. “Mas dessa vez parecem diferentes. Há coisas que não reconheço, como se fossem de dentro do sistema da secretaria.”

O investigador anotou algo e fez um breve aceno.

“É possível. Estamos rastreando acessos irregulares há alguns meses. Alguém pode estar usando o caso da senhora como distração para algo maior.”

Essas palavras ficaram ecoando em sua mente o resto do dia.

Na semana seguinte, Mariana a chamou discretamente para conversar.

“Eles descobriram que o mesmo tipo de manipulação aconteceu em outras três escolas”, disse.

“Três?”

“Sim. Professores acusados falsamente, documentos alterados, denúncias anônimas. O padrão é o

mesmo.”

Lívia sentiu um arrepio frio.

Não era coincidência.

Havia um sistema inteiro sendo manipulado.

Elas decidiram ajudar.

Entregaram suas anotações e cópias antigas de conversas à polícia.

Participaram de uma reunião com o delegado responsável.

Lívia, acostumada a ensinar, agora era testemunha.

O delegado ouviu com atenção.

“Estamos lidando com um esquema de difamação em série. Alguém usa perfis falsos e acessos internos para plantar informações falsas. Os alvos são sempre professores com boa reputação. Gente influente, admirada. Isso gera ruído, medo e desconfiança.”

“Mas por quê?”, perguntou Lívia.

“Porque medo é uma arma poderosa. E quando o medo entra numa instituição, tudo quebra por dentro.”

Ela não respondeu.

Mas entendeu.

As semanas seguintes foram um redemoinho de inquéritos, perícias e depoimentos.

Camila, pressionada pelas novas provas, revelou ter recebido instruções anônimas.

Mensagens enviadas de um número mascarado.

Promessas de apoio e orientações detalhadas sobre o que escrever, o que divulgar, como agir.

Ela acreditava estar apenas desabafando.

Mas era parte de uma engrenagem.

Lívia ouviu tudo no relatório.

Não sentiu raiva.

Sentiu pena.

Camila não era a mente por trás.

Era apenas uma sombra usada por alguém que gostava de assistir o caos à distância.

Certa noite, Daniel percebeu o olhar distante da esposa.

“Você ainda pensa nela?”, perguntou.

“Penso. Mas não como antes. Agora, penso em quem estava por trás de tudo. Quem manipulou todos nós.”

Ele assentiu, passando a mão em seu ombro.

“Talvez nunca descubram.”

“Talvez”, disse ela. “Mas eu aprendi a não duvidar do que se esconde atrás do silêncio.”

O tempo passou.

A escola retomou o ritmo.

As investigações se expandiram, e novos nomes surgiram nos relatórios.

Alguns funcionários foram afastados.

Outros, transferidos.

Mas, uma tarde, um novo envelope chegou para Livia.

Era branco, sem marca, apenas com a frase:

“Você foi corajosa. Continue observando.”

Dentro, havia uma única folha impressa.

Um print de tela.

Um e-mail institucional, com a data do início de tudo.

Assinado por um usuário identificado apenas como **adm-o4**.

Livia lembrou do relatório que havia encontrado meses antes.

O mesmo código.

O mesmo fantasma.

Mostrou o documento à polícia.

Dias depois, recebeu uma ligação.

“Professora, rastreamos o acesso. O endereço pertence a um servidor da SME, mas o usuário foi

desativado há mais de um ano.”

“Desativado?”

“Sim. E o funcionário responsável morreu no ano passado.”

O silêncio foi absoluto.

Por um instante, o chão pareceu sumir.

“Então quem está acessando o sistema?”, perguntou.

A resposta veio lenta, grave.

“Não sabemos. Mas alguém usa o nome dele como cobertura.”

Naquela noite, Livia não dormiu.

Ficou olhando pela janela, observando a rua deserta, o vento balançando as árvores.

Pensou em tudo o que tinha vivido, no quanto havia aprendido sobre a maldade disfarçada de normalidade.

Pegou um caderno e começou a escrever.

Não sobre dor, mas sobre resistência.

Cada linha era um lembrete de que havia sobrevivido ao invisível.

Na última página, escreveu:

“O medo se alimenta do silêncio.

Mas o silêncio também pode ser abrigo.

Depende de quem o ocupa.”

Fechou o caderno e respirou fundo.

Lá fora, o amanhecer começava a tingir o céu.

As sombras da noite ainda estavam ali, mas já não assustavam.

E, no fundo, ela sabia: o caso ainda não estava encerrado.

Algumas máscaras tinham caído.

Mas outras, mais antigas, continuavam de pé, escondidas atrás de cargos, senhas e sistemas.

Lívia olhou para o espelho e sorriu de leve.
Dessa vez, não havia medo em seu reflexo.
Havia vigilância.
Havia força.
E havia algo mais profundo: uma certeza.

Ela não seria mais vítima da escuridão.
Seria luz.
Mas uma luz que observa.
Que ilumina o que ninguém quer ver.

E, ao sair para mais um dia de trabalho, com o sol finalmente rompendo as nuvens, percebeu que, mesmo quando a verdade tarda, ela sempre chega.
Nem sempre como justiça.
Mas sempre como revelação.

Capítulo 11

A Voz do Silêncio

Não há eco mais alto que o do silêncio.

23 de fevereiro, 05h12 — Diário de Helena

Hoje faz quatro meses.

Quatro meses que deixei de arrumar duas lancheiras.

Ainda acordo no impulso de separar duas escovas, dois uniformes, duas merendas.

Mas só uma mochila me espera no chão do quarto.

Coloquei o porta-retrato no armário da escola.

É como se esconder a dor tornasse mais fácil seguir.

Mas o peso... o peso não me deixa.

Ele me acompanha como sombra.

Invisível para os outros. Enorme para mim.

A diretora geral entrou de férias esta semana.

É muito querida pela comunidade escolar.

Carismática, acolhedora, sabe ouvir, sabe decidir.

A ausência dela acentuou ainda mais minha solidão.

E cá estou eu, vice-diretora em exercício, conhecida por ser correta, metódica, respeitada.

Não sou menos nem mais rígida que ela. Apenas sou diferente.

Mais introspectiva. Sempre fui.

E agora, em luto, ainda mais.

Na sala, os passos ecoam como se o prédio inteiro respirasse comigo.

As janelas abertas deixam entrar o barulho da rua, mas não há vida ali dentro.

Há rotina. E a rotina é uma forma de anestesia.

Grupo: Mães Poderosas do Fundamental 1

MãeCarol: Alguém viu esse recado absurdo da vice? Agora não pode nem usar mochila colorida?

MãeBel: É cada regra sem noção... Daqui a pouco ela vai proibir os lacinhos também.

MãePaty: Essa mulher tem o coração de gelo. Não dá um bom-dia sequer no portão.

MãeRita: Nem parece que trabalha com criança.

2 de março, 21h47 — Diário de Helena

Fui chamada de fria no grupo.

Eu sei porque a professora da minha filha ainda me manda prints.

“Frozen”, escreveram.

Eu queria que elas soubessem o quanto queimo por dentro.

Que frieza não é o mesmo que silêncio.

E que nem todo silêncio é vazio.

O meu está cheio de saudade.

Mas não vou explicar.

Não devo explicações sobre a minha dor.

Se sou séria, é porque aprendi a ser forte.

E agora, mais do que nunca, preciso manter essa casca intacta.

Me despedaço por dentro, mas por fora...

Por fora sigo com a prancheta na mão e a planilha em dia.

Olhando pelo vidro da janela, vejo as mães no portão, rindo.

Acho bonito.

Mas é como assistir a um filme sem som.

Tudo parece distante.

Grupo: Mães Poderosas do Fundamental 1

MãeBel: Ela falou com a minha filha que não podia entrar sem uniforme. A menina ficou constrangida.

MãeCarol: Ela vive de cara feia! Zero empatia. Alguém precisa dar um toque.

MãePaty: Já sugeri a demissão em um bilhete anônimo.

MãeRita: Vamos marcar com a diretora. Ela vai ter que nos ouvir.

6 de março, 13h03 — Diário de Helena

Hoje chorei no banheiro da sala dos professores.

Estava tudo acumulado: os julgamentos, os olhares atravessados, os cochichos.

Senti vontade de largar tudo.

Foi aí que decidi ligar para a diretora geral.

Expliquei o que estava acontecendo. As mensagens, os áudios, a constante pressão.

Ela me ouviu em silêncio e depois disse com firmeza, mas com ternura:

“Você está fazendo o que precisa ser feito. E eu confio em cada decisão que está tomando.

Não vou voltar antes do previsto, porque sua autoridade precisa ser respeitada.

Mas você não está sozinha.”

E cumpriu.

No mesmo dia, encaminhou apoio imediato.

- Solicitou presença da coordenadora pedagógica em tempo integral.
- Pediu à CRE orientação direta sobre protocolos de convivência.
- Conseguiu reforço de uma professora substituta para aliviar a carga da equipe.
- E me mandou uma mensagem toda manhã nos dias seguintes: “Como você está HOJE?”

Isso me sustentou.

O apoio silencioso, porém firme, de quem entende que liderança também é acolher quem lidera.

À noite, escrevi o nome da minha filha no caderno de anotações e o circulei com caneta azul.

Era o jeito que encontrei de dizer: “ainda estou aqui”.

11 de março, 2023 — Diário de Helena

Estou cansada.

Luto dentro e fora.

Preciso proteger a equipe, manter o funcionamento da escola, sorrir pros pais, segurar as pontas.

E ninguém sabe que ontem dormi abraçada com o último vestido da minha filha.

Ele ainda tem o cheiro dela.

A diretora retorna na próxima semana.

Por mais que confie em mim, sei que ela não sabe o quanto essa gestão interina me consumiu.

A diferença entre estar no comando e segurar o mundo sozinha é cruel.

Principalmente sob os olhos e dedos julgadores de um grupo de WhatsApp.

Grupo: Mães Poderosas do Fundamental 1

MãeCarol: Ela mandou convocar reunião por causa da confusão no portão.

MãePaty: Vai dar sermão de novo. Aposto que vai chorar... se conseguir. Duvido.

MãeBel: Frieza de vice. A mulher deve ser um robô.

MãeRita: Alguém grava? Quero ver essa pose cair.

Áudio vazado da reunião

A voz de Helena é baixa, mas firme:

“Estabelecer regras não é ausência de afeto. Educação sem limite não é liberdade, é negligência.

Eu perdi minha filha. Há quatro meses.

E se continuo aqui, é porque acredito que cada criança que entra por aquele portão merece o melhor de nós — mesmo quando o
melhor dói.”

No fundo, toca uma música infantil.

Grupo: Mães Poderosas do Fundamental 1 — Silêncio por 3h

MãeBel: Gente... a música do final... era “O Cravo brigou com a Rosa”, né? A que tocaram no mural da homenagem...

MãeCarol: ...

MãeRita: Eu não sabia.

MãePaty: Fui longe demais. Que vergonha.

MãeLena: Acabei de chorar. Vou sair desse grupo.

14 de março, 07h40 — Diário de Helena

Hoje deixaram um bilhete em cima da minha mesa.

“Obrigada por não desistir da gente, mesmo quando ninguém entende você.”

Assinado: Clarinha, 5º ano.

Guardei.

Guardei como quem recolhe um caco de mim e tenta colar com cuidado.

Talvez a dor não passe.

Mas hoje... hoje ela foi dividida.

E doeu menos.

Sigo sendo quem sou.

Com firmeza, sim.

Mas também com ternura.

Mesmo quando ela precisa se esconder por entre planilhas, circulares e olhos marejados.

15 de março, 08h15 — Sala da Vice-Diretoria

Hoje encontrei algo sobre minha mesa.

Uma lancheira azul, com unicórnios, intacta.

A lancheira da minha filha.

Fiquei parada, sem saber se sorria ou se chorava.

Abri o zíper devagar, como se pudesse tocar uma lembrança viva.

Dentro, uma maçã verde, um suco de caixinha, e um bilhete dobrado:

“Ela ainda está aqui.

Em cada gesto seu. Obrigada.”

Assinado: “Amiga secreta.”

Senti a dor abrir espaço para um alento estranho,
um lembrete silencioso de que, mesmo no luto,
a vida continua se entrelaçando com quem amamos.

17 de março, 22h02 — Diário de Helena

Hoje recebi uma ligação inesperada.

Era a diretora titular. Disse que haveria uma reunião especial na SME.

“Querem entender o que vem acontecendo em algumas escolas”, explicou.

Ela pediu que eu comparecesse, junto com uma professora chamada Livia.

Livia. O nome soou familiar.

Procurei nas mensagens antigas.

E lá estava.

Uma circular de meses atrás, assinada por ela, relatando um caso de difamação semelhante.

A coincidência me gelou.

Dois episódios parecidos.

Mesmas características.

Mesma dor invisível espalhada em silêncios digitais.

Na reunião, o delegado responsável pela investigação apresentou dados:

as manipulações de mensagens não vinham apenas de mãos isoladas.

Os acessos partiam de dentro da própria rede pública.

E havia registros em pelo menos cinco escolas diferentes.

Enquanto ele falava, olhei para Livia.

Ela tinha um semblante sereno, mas os olhos denunciavam algo mais fundo, o olhar de quem já enfrentou o abismo e voltou com

marcas que ninguém vê.

No final da reunião, nos cumprimentamos.

Foi um aperto de mão demorado, silencioso.

Reconhecimento sem palavras.

Dor espelhada.

20 de março, 19h31 — Diário de Helena

Os investigadores voltaram à escola hoje.

Pediram acesso aos computadores administrativos.

Um deles comentou algo que me fez pensar:

“Parece haver um padrão de sabotagem. O sistema institucional foi usado para manipular informações. Isso é muito maior do que imaginávamos.”

Quando ele saiu, fiquei olhando para o logotipo da SME no alto do mural.

Aquelas letras azuis, sólidas, agora me pareciam frágeis.

Se havia alguém capaz de controlar dados, perfis, mensagens e reputações, então a linha entre vítima e algoz era mais tênue do que se imaginava.

Lívia me enviou uma mensagem mais tarde.

“Se precisar conversar, estou aqui.”

Demorei a responder.

Mas escrevi:

“Talvez estejamos mais conectadas do que pensamos.”

23 de março, 00h12 — Diário de Helena

Acordei sobressaltada.

Sonhei com corredores longos, salas vazias e computadores piscando.

Havia vozes, mas nenhuma boca se movia.

Acordei com o coração disparado.

Peguei meu celular.

Havia uma notificação nova, de um e-mail institucional.

Assunto: **Relatório de conduta – Vice-diretoria.**

O remetente era “adm-04”.

O mesmo código que apareceu nos relatórios de Livia.

O mesmo fantasma digital.

Abri o arquivo, as mãos tremendo.

Mas o conteúdo era incompleto.

Apenas uma linha, solta, no topo da página:

“Você é a próxima voz que precisa ser silenciada.”

O celular caiu da minha mão.

O corpo inteiro congelou.

Por um instante, pensei em ligar para Livia.

Mas hesitei.

O medo, esse velho conhecido, havia voltado.

Dessa vez, com um rosto sem forma e uma voz feita de código.

24 de março, 08h15 – Registro de ocorrência

Vice-diretora Helena da Silva comparece à delegacia e entrega evidências de um e-mail institucional recebido de usuário desativado.

Relata histórico de difamações, perseguições digitais e mensagens anônimas.

O delegado anexa ao inquérito principal, sob o mesmo código do caso Livia Mendes.

Ambos passam a constar como vítimas de **crimes cibernéticos com indícios de autoria interna.**

25 de março, 23h57 – Diário de Helena

Não consegui dormir.

O som do ventilador parece o de um computador ligado.

Toda luz agora parece suspeita.

Mas, curiosamente, não sinto desespero.

Sinto propósito.

A dor que antes me paralisava agora me move.

Talvez a única forma de vencer o silêncio seja transformá-lo em voz.

Amanhã, vou procurar Livia.

Vamos juntar nossas histórias.

E, quem sabe, entender quem realmente se esconde por trás do nome “adm-04”.

Sei que há algo grande por trás disso.

Algo que começa com fofoca e termina com poder.

Mas hoje, pela primeira vez, escrevo sem chorar.

Talvez porque entendi o que minha filha me ensinou em silêncio:

as coisas mais difíceis de dizer são também as que mais precisam ser ditas.

No final da página, Helena desenhou um pequeno unicórnio azul.

O mesmo da lancheira que encontrara sobre sua mesa.

E, abaixo dele, uma única palavra, em letra firme:

Resistir.

Capítulo 12

Porta de Entrada.

Nem toda bondade é inocente.

Maria Clara era estagiária do Atendimento Educacional Especializado. Tímida, dedicada, cheia de sonhos que cabiam nas frestas da rotina. Carregava no peito um desejo simples e imenso: transformar vidas em pequenas doses diárias de escuta, afeto e presença. Acreditava que paciência e empatia podiam abrir portas que pareciam trancadas para sempre. Se não fosse possível abrir o mundo, bastaria escavar um cantinho seguro dentro da escola.

Na sala de recursos, o olhar doce e a voz suave acolhiam crianças em silêncio, como se dissesse sem alarde: você importa, mesmo quando não consegue dizer por quê. Os materiais coloridos, a caixa de texturas, as figuras de rotina, os cartões de comunicação aumentativa. Tudo em seu lugar. Tudo pensado para oferecer previsibilidade.

O que ninguém via acontecia depois que o crachá era guardado. Por trás do sorriso contido e da postura discreta, Maria Clara escondia um universo de cicatrizes abertas. Um segredo íntimo, silencioso, que pesava mais a cada dia. Um passado que latejava como ferida mal fechada e um presente tecido por dúvidas que não descansavam. Enquanto tentava ser porta de entrada para seus alunos, ela própria vivia do lado de fora da sua segurança emocional. Quanto mais buscava manter janelas abertas para os outros, mais escura sua casa interna se tornava.

A acusação

Na sala dos professores, a diretora Pietra chamou Maria Clara para uma conversa rápida. O tom era calmo, mas havia urgência no olhar. O relógio da parede marcava 10h17, e o corredor, lá fora, deixava entrar ecos de botas de borracha contra o piso.

Pietra falou primeiro. Disse: Maria, precisamos conversar sobre a mãe do Lucas. Ela esteve aqui agora há pouco, bastante exaltada.

Vieram as palavras. Negligência. Impaciência. Abandono. Desrespeito. Cada termo caiu como uma pedra dentro de um poço. Maria Clara sentiu o ar rarear. Por um instante, desejou que a cadeira a engolissem. Puxou fôlego devagar, tentou sustentar a própria voz.

Disse: Eu juro que não é assim. Eu tento. Todo dia. Mas tem dias em que não consigo ser forte o tempo inteiro.

Pietra manteve a firmeza, porém com ternura no contorno das frases. Era o papel dela. Disse: Eu acredito em você. Mas precisamos entender o que está acontecendo. Precisamos cuidar de todos, inclusive de você.

Maria assentiu. Não confiava nas palavras naquele momento; confiava no que as mãos ainda sabiam fazer. Organizar, acolher, recomeçar.

Cena 2 – O peso escondido

O caminho de volta para casa foi um deserto de pensamentos. O celular vibrava e ela ignorava. Mensagens da coordenadora, talvez da supervisora da faculdade. Pediu ao corpo silêncio. O corpo respondeu com peso.

A porta da cozinha rangeu. A mãe estava ali, braços cruzados, a xícara já fria. Disse: Mais um dia fazendo papel de heroína. Você devia era cuidar da sua vida. É mais fácil salvar criança dos outros do que resolver sua bagunça emocional, né.

As frases vieram como dardos. Maria Clara já conhecia aquele jogo. Calejada, porém não imune. Pegou água, não respondeu. Subiu para o quarto com o coração latejando nas têmporas.

Sentou-se na beira da cama e não se conteve. O choro veio silencioso, quase disciplinado. Deitou encolhida, o lençol subindo e descendo ao ritmo da respiração. A noite foi um corredor sem luz. Sonhou com gritos e portas batendo. Sonhou com Lucas chorando e com mãos que a afastavam da sala. No meio do sonho, a imagem do pai, um eco distante de uma ausência antiga, sussurrando: você nunca vai ser boa o bastante.

Acordou de sobressalto. Olhos secos, garganta áspera. Repetiu para si mesma, em voz quase inaudível: eu vou provar que sou. Vou provar com trabalho.

A comprovação

Chegou cedo no dia seguinte. As luzes ainda acendiam devagar no bloco do AEE. Limpou a sala com esmero, alinhou as pranchas de comunicação, separou letras móveis com cuidado de quem recorta papel de seda. No mural das rotinas visuais, reposicionou pictogramas: chegada, roda de conversa, atividade dirigida, pausa sensorial, despedida. Vestiu a esperança como escudo.

Quando Lucas entrou, correu até ela pelo costume que só o vínculo explica. Encostou a mãozinha no peito de Maria Clara. Um gesto pequeno. Uma senha secreta. Confiança. Ela sorriu e devolveu o toque, mantendo a cadência que o menino reconhecia.

Disse: Vamos escrever seu nome. Ele assentiu com os olhos e sentou. Primeiro o L, depois o U,

os dedos tremendo menos na letra C. Repetiu devagar, Lucas. Depois escreveu mamãe. O registro era simples, mas carregava a força de um tremor de terra.

Atrás da porta de vidro, Pietra e a coordenadora assistiam. Não havia interferência, só presença testemunha. Maria não sabia que era observada; sabia apenas ser inteira naquele gesto. Guiou Lucas até o cantinho de leitura. Mostrou figuras, articulou sílabas, acolheu o cansaço dele quando os ombros caíram. Pausa sensorial. O peso no colo. O balanço ritmado. O silêncio ao redor fazendo sentido.

Mais tarde, Pietra mostrou os registros à mãe do menino. Vídeos curtos, fotos autorizadas, a folha onde ele escrevera o nome da professora dentro de um coração torto. Márcia levou a mão ao rosto. A culpa fez barulho por dentro. Disse com voz falha: Eu não sabia que ele fazia tudo isso. Não era raiva. Era medo.

Pietra respirou fundo. O início de um degelo pedia cuidado.

A busca pelo motivo

Pietra sabia que havia um pano de fundo. As palavras de Márcia no dia anterior tinham sido agressivas demais, afiadas demais. Algo doía no avesso daquele discurso. Convidou a mãe para uma conversa sem alarde. Perguntou com delicadeza: Você tem alguém com quem conversar.

O silêncio veio comprido. Depois, uma confissão em olhos marejados. Márcia disse: Eu cresci ouvindo que era burra. Que não servia para nada. Quando veio o diagnóstico, eu achei que era minha culpa. Quando vi ele demorando para aprender, surtei. Achei que estava sendo deixado de lado. Porque, no fundo, eu também me sinto deixada de lado.

Pietra acolheu sem promessas vagas. Explicou sobre o desenvolvimento do Lucas, a importância das rotinas, o papel da família. Sugeriu um grupo de apoio para famílias atípicas.

Chamou a assistente social da escola, que se dispôs a acompanhar Márcia nos primeiros encontros. Dali nascia um corredor novo por onde a culpa poderia sair devagar.

Enquanto isso, Maria Clara voltava para a sala de recursos com um misto de alívio e exaustão. O corpo queria cair na cadeira e dormir. A mente ainda ouvia a frase do pai que nunca chegava para a reunião de pais: você nunca vai ser boa o bastante. Ela olhou para o chão de borracha, para as marcas de passo de quem entra e sai, e decidiu algo simples e enorme. Procuraria terapia. Não por fraqueza. Por coragem.

A virada

O convite de Pietra veio no fim de tarde, quando a luz fazia riscos no piso do corredor. A diretora disse com calma: Eu vou te dar mais suporte. Você não está sozinha. Vou reforçar a equipe, alinhar fluxos com a CRE, te indicar um serviço psicológico gratuito para educadores. E quero te pedir uma coisa. Traga sua voz para a reunião pedagógica.

Maria hesitou. A palavra voz soou grande demais. Ela lembrava da crise no banheiro na semana anterior, da respiração curta, do zumbido nos ouvidos. Lembrava de lavar o rosto escondida e reaprender a sorrir para entrar na sala. Ainda assim, disse sim. A voz sairia. Nem que fosse no volume mínimo.

Na reunião, Pietra contou a história completa. Não a versão dramatizada das redes, mas o tecido real dos dias. Falou da evolução do Lucas, dos registros concretos, da força sem alarde de Maria Clara. A coordenadora fechou dizendo: Ela não salvou apenas um aluno. Salvou vínculos. E isso é maior do que qualquer currículo.

Os professores aplaudiram sem estardalhaço. Foi um som contido e bonito, desses que cabem na mão. Maria Clara respirou. Sentiu a coluna crescer um centímetro. Sair dali inteira já era uma vitória.

Na noite seguinte, a primeira sessão de terapia. A sala clara, duas poltronas, um vaso simples.

A psicóloga perguntou: Onde dói quando você se sente acusada. Maria respondeu com sinceridade que lhe pareceu ousada: Dói nas memórias. Dói em tudo o que disseram que eu não era capaz de ser. A terapeuta disse que trabalhariam em camadas. Maria assentiu. Pela primeira vez, alguém colocou luz no mapa que ela carregava no escuro.

Reconciliação e recomeço

A Mostra de Aprendizagens chegou com cheiro de papel novo e cartolina colorida. Maria Clara preferia os bastidores. Queria ver as crianças ocuparem o centro. Ainda assim, o painel do AEE era impossível de ignorar: trabalhos do Lucas, agora coloridos e seguros, um arco-íris de tentativa e coragem pendurado em barbantes.

Márcia se aproximou devagar. Olhou cada desenho como quem encontra um mapa. Parou diante do coração torto com o nome da professora no centro. Disse: Clara, eu me enganei. Você enxergou o que eu não consegui ver. Obrigada. Por ele. Por mim.

Maria sorriu sem defender-se. Respondeu simples: A gente aprende junto. Todos os dias.

O abraço que se seguiu foi o primeiro gesto real de paz que ambas experimentaram em muito tempo. Sem aplausos. Sem testemunhas. Só a textura da remissão no toque.

Mais tarde, ao guardar os materiais, Maria encontrou um bilhete em cima da mesa. Lápis de cor azul, letras grandes e firmes. Lia-se: PROF CLARA, VOCÊ É A CHAVE DA MINHA PORTA. Assinava LUCAS. Ela encostou o papel no peito. Dessa vez, sorriu sem medo. Porque agora sabia: não era só estagiária. Era chave. Era ponte. Era abrigo. Mesmo enquanto ainda aprendia a abrir suas próprias portas.

Costuras com a outra história

Na semana seguinte, Pietra recebeu um convite da SME para uma reunião especial sobre convivência e segurança digital. Haveria relatos de diferentes escolas. O caso de Maria Clara seria trazido como exemplo de mediação que deu certo. Outros dois casos seriam apresentados: um da professora Livia e outro da vice-diretora Helena. As três histórias tinham pontos de contato.

Ataques em rede. Mensagens anônimas. Pressões invisíveis que adoecem.

Pietra chamou Maria no fim do dia. Explicou sobre a reunião, perguntou se ela toparia assistir. Disse que não era exposição; era aprendizado. Maria aceitou com um frio bom na barriga. Às vezes, a coragem começa com a presença.

O auditório da SME tinha cadeiras estofadas e um silêncio de reunião importante. Livia falou com serenidade. Contou sobre bilhetes, acusações, perfis falsos. Helena descreveu o luto e a máquina de boatos que a empurrava para o rótulo de frieza. Maria sentiu as histórias atravessarem seu peito como campainhas longas. Não era só ela. Havia um padrão. Havia um sistema que adoecia gente e relações.

Depois das falas, o delegado de crimes cibernéticos explicou a investigação em andamento. Disse que haviam rastreado acessos internos, identificando manipulações com credenciais antigas, vinculadas a um usuário desativado. Falou de como o medo, quando entra numa instituição, vai desalinhando a confiança. Maria anotou uma frase no canto do caderno: o medo não precisa de megafone, só de corredores.

No intervalo, as três se cruzaram no corredor. O encontro foi simples. Mãos que se reconhecem. Livia disse: Eu vi o painel do AEE. Fiquei emocionada. Helena completou com um sorriso quieto: A firmeza que você mostrou é uma forma de carinho que sustenta o prédio em pé. Maria respondeu com honestidade: Eu só consegui porque alguém me sustentou primeiro. Pensei

muito no que vocês viveram. Talvez possamos construir uma rede de cuidado entre as escolas.

O delegado se aproximou com discrição. Disse que criariam um protocolo de comunicação entre direções e equipes de suporte, com articulação direta da polícia quando houvesse indícios de crime digital. Falou de uma espécie de guarda-chuva para que ninguém ficasse sozinho quando o invisível começasse a gritar. Maria olhou para Pietra. Pietra assentiu. Era isso. Cuidar de quem cuida.

Pontos de tensão que ainda respiram

Nada se resolve de uma vez. Nos dias que seguiram, surgiram ruídos novos. Um comentário mal interpretado em um grupo de mensagens. Uma postagem antiga que alguém reapareceu fora de contexto. A diferença agora estava no lastro. Pietra intervinha cedo. A comunidade escutava melhor. A assistente social já conhecia nomes e medos. Márcia seguia no grupo de apoio e, em uma das reuniões, perguntou se podia falar. Disse com voz clara: Eu aprendi que medo grita alto, mas escuta quase nada. Hoje eu tento escutar primeiro.

Maria Clara continuou a terapia. Uma vez por semana, poltrona, copo d'água, respirações guiadas. O passado ainda doía, mas havia menos eco. A imagem do pai foi perdendo volume, como se uma estação de rádio sintonizasse por fim a faixa certa. A mãe, em casa, seguia pontiaguda em alguns dias, mais macia em outros. Maria começou a colocar limites sem agressão. Dizia: Hoje não. Dizia: Não vou falar sobre isso agora. Descobria que limites também são abraços que a gente dá para dentro.

No AEE, Lucas arriscou frases maiores. Escreveu com ajuda: Eu gosto da prof. Depois arriscou sem apoio: Quero brincar de bola. A palavra querer ficou inteira, sem tropeço. Maria guardou o papel no envelope de conquistas. Havia uma sessão assim na estante: conquistas. Não eram troféus dourados. Eram pedaços de papel, fitas, fotos com autorização, desenhos que cabiam no bolso.

Um gesto final de costura

Um mês depois, organizaram uma roda de conversa com famílias. Pietra abriu com uma frase simples: Regras não são falta de afeto. São um jeito de garantir que cada criança caiba aqui. O auditório estava cheio, ventiladores ligados, copos de água espalhados pelas mesas. A assistente social explicou caminhos de escuta. A psicóloga convidada falou de autocuidado parental sem

slogans.

Márcia pediu a palavra. Contou da culpa, do medo, da sensação de queda. Disse que confundiu rigidez com falta de carinho, que transformou a própria insegurança em ataque. Agradeceu à escola por não desistir dela. Houve silêncio respeitoso. Um silêncio que não julga.

No fim, Maria Clara entregou para Lucas um cartão com uma chave desenhada em caneta preta. Ele sorriu, e o sorriso fez barulhinho de sino no peito dela. Disse: Você sabe que chave é essa. Ele apontou para o coração. Ela confirmou: É essa mesmo.

Na saída, encontraram Livia e Helena no portão. As duas tinham ido apoiar a roda como parte do circuito de prevenção. Uma equipe da SME testava um novo protocolo de acolhimento. O céu estava limpo, e o último sol do dia grudava dourado nas janelas. Ficaram ali alguns minutos, sem pressa. Livia perguntou como Maria estava. Maria respondeu que firme e, às vezes, trêmula. Helena sorriu com os olhos e disse que firme e trêmula é uma combinação humana e suficiente.

Pietra ouviu e acrescentou que suficiente, naquela escola, era outra palavra para cuidado.

À noite, já em casa, Maria Clara colocou no mural do quarto dois papéis. O bilhete azul do Lucas e a anotação que fizera no caderno durante a reunião da SME. Embaixo, escreveu com caneta comum: a minha voz não precisa gritar para existir. Ela precisa estar inteira. Olhou o espelho sem raiva do que viu. Lembrou de quando se sentia do lado de fora da própria casa. Agora sabia que algumas portas se abrem por dentro. E que ninguém faz essa abertura sozinho. Há mãos que seguram a maçaneta junto com a nossa. Há olhos que dizem sim em silêncio. Há escolas que, quando funcionam como devem, viram abrigo sem prometer perfeição.

Apagou a luz, deitou, respirou. O corpo finalmente descansou. Do lado de fora, a cidade fazia seus ruídos. Do lado de dentro, havia um quarto aceso que não doía.

Maria Clara dormiu com a certeza serena que vinha em ondas: ela não era apenas estagiária. Era chave. Era ponte. Era abrigo. E, se em alguns dias a casa interna voltasse a escurecer, teria aprendido a acender uma lanterna. Pequena, mas insistente. Capaz de iluminar pelo menos um degrau por vez.

No AEE, no dia seguinte, a primeira atividade foi um jogo de abrir portas de papel. Cada criança desenhava uma fechadura, colava uma aba e escolhia o que queria ver do outro lado. Lucas desenhou o pátio, a bola, um sol que parecia um girassol. Maria desenhou uma janela aberta. Na parte de dentro, escreveu para si mesma: continuar.

E continuou.

Capítulo 13

O mal raramente grita; ele sussurra.

O passeio e o primeiro clique

O ônibus velho rangia a cada curva, como se reclamasse de ter que carregar tantos corpos inquietos pelo subúrbio ainda meio sonolento. Lá dentro, o ar era um emaranhado de vozes juvenis, gargalhadas, comentários apressados, músicas saindo de fones de ouvido vazados. O 8º ano estava em festa. O dia da visita técnica ao Museu de Ciências Naturais era quase um feriado particular.

Gabriela observava tudo em silêncio, com um sorriso pequeno que não chegava a se abrir por completo, mas aquecia os olhos. Aquele barulho que enlouquecia alguns professores, para ela, era sinal de vida. Era barulho de gente crescendo.

Ajeitou a mochila no colo, passou os dedos pela lista de presença dobrada em quatro dentro da pasta. Conferia mentalmente as faltas, lembrava quem tinha alergia a poeira, quem costumava se afastar em multidões, quem tinha medo de fósseis enormes. Eram pequenos mapas que ela carregava sobre cada aluno.

Pela janela suja do ônibus, viu o muro pichado de uma escola vizinha e, do lado de fora, um grupo de adolescentes encostado no portão, observando o embarque dos seus alunos. Um deles ergueu o celular com um gesto rápido, meio disfarçado. A lente apontada na direção do ônibus. Na direção dela.

Um aperto curto atravessou o peito de Gabriela. Um pressentimento leve, mas real. Tentou afastar. Pensou: adolescente é assim mesmo, tira foto de tudo. Voltou a olhar para dentro, respondeu à pergunta de uma aluna sobre que tipo de dinossauro veriam primeiro. Mas aquele pequeno gesto grudou na memória como poeira em tela de vidro.

Quando o ônibus parou diante do museu, o prédio de pedra se erguia como uma espécie de guardião antigo. As janelas altas e escuras refletiam um céu quase pálido. As sombras das árvores desenhavam formas irregulares na calçada. Dentro, o cheiro de madeira envelhecida, verniz antigo e pó de arquivo se misturava ao som dos passos curiosos.

Gabriela caminhava entre os alunos, contando cabeças sem precisar olhar a lista, respondendo perguntas, pedindo calma com a mesma voz mansa de sempre. Sentia, por alguns minutos, aquela

velha sensação de propósito: olhos que se abrem, curiosidades despertadas, o mundo ficando um pouco maior na cabeça de cada um.

Foi nesse ritmo que o celular vibrou pela primeira vez.

Ela ignorou. Achou que era Renato, ou alguma mensagem irrelevante de propaganda.

Minutos depois, vibrou de novo. O aparelho parecia insistir, um lembrete enfiado no bolso do jaleco.

Quando finalmente encostou de costas em uma coluna, perto da sala dos minerais, puxou o celular e olhou a tela. A mensagem não tinha nome. Número oculto. Apenas uma imagem recebida.

Na foto, ela mesma. De costas. Exatamente no momento em que se inclinava para amarrar o cadarço de um aluno. O ângulo era baixo, espiado, invasivo. Não havia legenda, mas a ausência de palavras já dizia muito.

O estômago de Gabriela se contraiu. Olhou ao redor, tentando localizar alguma figura estranha, algum olhar fixo demais. Mas só viu grupos de crianças, outro professor explicando um painel, uma monitora arrumando um cavalete.

Os passos ecoavam pelo museu como se viessem de outro tempo. O espaço parecia o mesmo. Ela não.

Guardou o celular. Respirou fundo, tentou voltar a sorrir para os alunos. Contudo, a partir desse ponto, cada vez que sentia o aparelho vibrar, o coração apertava antes dos dedos alcançarem o bolso.

O fórum oculto

Na sala dos fósseis, um dinossauro enorme dominava o espaço, a boca aberta numa espécie de rugido congelado. As crianças tiravam fotos, imitavam a pose, riam alto. Gabriela tentava acompanhar a alegria, mas a sensação de estar sendo observada não a abandonava.

O celular continuava vibrando em intervalos curtos, insistente. Cinco minutos. Dez minutos. Como um ponteiro interno cravando o tempo em sua pele.

Num canto do museu, perto de uma maquete de vulcão, havia um banco de madeira. Gabriela se sentou ali, com o pretexto de organizar o grupo. Em realidade, o ar estava mais denso, a cabeça latejando. Precisava ver o que estava acontecendo.

Abriu a última mensagem. Era um link pequenino, com uma frase que gelou a nuca.

“Veja o que preparamos para você, professora. Museu vivo.”

Havia algo de cruel no tom leve da frase. Um deboche disfarçado.

Clicou.

O navegador abriu um fórum online. Não era uma rede social comum. Tinha o aspecto de um espaço meio clandestino. Público, sim, mas só para quem tivesse o link.

No topo, o título em letras grandes:

“Personagens da vida real

Edição especial: Professora Gabriela.”

O coração pareceu escorregar no peito. Desceu os olhos pela tela. Fotos suas tiradas às escondidas na escola, no portão, no ponto de ônibus. Capturas de vídeo que ela nunca percebeu. Gif repetindo ela ajeitando o cabelo, ela dando bronca, ela rindo. Montagens que distorciam sua expressão.

Os comentários vinham em cascata.

“Hoje o zoom vai ser na cara de sono dela.”

“Quem quer o vídeo da professora tropeçando na escada.”

“Rainha da biologia ou NPC de série ruim.”

“Alguém printa quando ela ficar irritada.”

Havia enquetes sobre a roupa que ela estava usando naquele dia. Discussões sobre o jeito dela falar, sobre o tom de voz, sobre o formato do corpo. A crueldade parecia quase brincadeira de mau gosto, recheada de risadas virtuais, ironias e emojis.

Ela sentiu um nó subir da barriga para a garganta. Uma onda quente de vergonha. De invasão.

Tentou fechar tudo, mas as notificações continuaram pingando na barra superior. Novos prints. Novos comentários. Um nick em especial aparecia com frequência: usuários com nomes neutros, difícil saber quem era quem. A sensação era de estar em pé no meio de uma roda, sem roupa, enquanto todos comentavam sem que ela pudesse pedir trégua.

O museu, de repente, pareceu pequeno demais.

Chamou uma monitora, ajeitou a saída com a pressa que conseguiu disfarçar. Na volta para casa, dentro do ônibus, as risadas dos alunos já não soavam leves. Misturavam-se ao zumbido do motor e ao pensamento fixo: alguém estava assistindo à sua vida como entretenimento.

Pela primeira vez em muito tempo, Gabriela não conseguiu lembrar o que havia explicado sobre fósseis naquele dia. Lembrava apenas da tela, do fórum, de si mesma transformada em personagem.

A queda e o pedido de ajuda

A noite caiu inteira sobre o bairro. De dentro do pequeno apartamento, o som da rua chegava

abafado. Um cachorro latiu longe, alguém fechou o portão com força. O abajur antigo na sala emitia uma luz amarelada, criando sombras dançantes nas paredes manchadas de tempo.

Gabriela estava sentada à mesa da cozinha, o computador aberto à sua frente. As mãos ainda formigavam. Passara horas alternando entre o fórum, as mensagens anônimas e o vazio da página em branco do seu diário virtual.

Os olhos ardiam. Mas ela teimava em escrever.

Digitou:

“Hoje descobri que o mundo digital pode ser um lugar cruel, onde a privacidade é quase uma piada. Sinto como se estivessem me observando por todos os lados. Como se cada movimento meu fosse um espetáculo do qual eu não pedi para participar. Eu sempre acreditei na escola como espaço seguro. Agora não sei se confio nem no próprio corredor.”

As palavras apareciam na tela como se não fossem suficientes. Como se não dessem conta da sensação concreta de ter sido arrancada de si e colocada em uma vitrine.

Ela apoiou o rosto nas mãos, respirando fundo. Sentiu, pela primeira vez em muito tempo, algo parecido com pânico. A ideia de que alguém poderia estar registrando aquele exato momento, através de uma janela, de uma brecha, de uma tela qualquer, quase a enlouqueceu.

Ouviu um som suave na porta.

“Gabriela.”

Era a voz de Renato. Ele entrou devagar, com cuidado de quem não quer assustar um pássaro ferido. Sentou ao lado dela, em silêncio, por alguns segundos. Depois, tocou sua mão sobre a mesa.

“Amor, você não está sozinha. Vamos passar por isso juntos, está bem.”

Ela virou o rosto, deixando que uma única lágrima escapasse. O resto parecia preso, como se o corpo tivesse decidido economizar água.

“Eu sei. Mas é como se eu tivesse perdido o chão. Não é só no fórum, não é só nas redes. É como se a sensação de respeito tivesse se quebrado. Até na escola, o lugar onde eu me sinto inteira, algo se deslocou.”

Renato apertou a mão dela com delicadeza e firmeza ao mesmo tempo.

“Você é muito mais do que essa situação. Mas eu entendo que dói. Não vou dizer que é exagero. Só quero que você saiba que estou aqui. De verdade.”

Eles ficaram ali, sem grandes frases de efeito. O silêncio preenchido de respiração compartilhada valia mais do que qualquer consolo pronto.

No dia seguinte, com um misto de tremor e determinação, Gabriela entrou na sala da diretora. A escola ainda despertava. O cheiro de café fresco se misturava ao de papel recém-copiado.

A diretora sorriu com acolhimento, mas os olhos já demonstravam preocupação.

“Gabriela, conte tudo para nós. Você não está sozinha.”

Ela colocou o celular sobre a mesa, abriu o fórum, mostrou os prints, as montagens, os comentários. Cada deslizar de dedo revivia a ferida, mas dessa vez transitava do íntimo para o institucional. Não era mais segredo.

“Vamos acionar a polícia especializada em crimes digitais”, disse a diretora, com a voz firme. “Não vamos tratar isso como brincadeira. Você será protegida, e o caso será acompanhado de perto.”

A diretora citou também a investigação mais ampla que já estava em andamento na rede, conectando episódios em outras escolas. Mencionou, de passagem, o nome de uma professora e de uma vice-diretora que tinham vivido algo semelhante. Lívia. Helena. Gabriela reconheceu os nomes de reportagens que vira de relance.

Havia um fio que conectava as três.

Ainda assim, uma sombra permanecia nos olhos de Gabriela. A informação ajudava, mas não apagava a sensação de estar marcada.

A delegacia e o rastro digital

Na delegacia, o ambiente era frio e funcional. Cadeiras duras, paredes em tom neutro, um quadro com avisos de campanhas. A delegada Paula já conhecia outros casos de exposição digital. Trazia na postura a mistura de empatia e pragmatismo de quem precisa acolher e agir.

“Já tive situações parecidas com a sua”, explicou. “O mais importante é que você denunciou. Isso nos dá possibilidade de agir, de registrar, de rastrear. Vamos fazer o possível para identificar quem está por trás do fórum.”

Gabriela assentiu, mas uma parte dela parecia flutuar à margem da cena. O corpo estava ali, sentado, respondendo, anotando. A mente, porém, ainda se via no museu, na sala de fósseis, com um fóssil de olhar grudado nas costas.

Os dias seguintes foram atravessados por uma espera tensa. A cada ligação da delegacia, o coração acelerava. A cada vibração do celular, a ansiedade voltava a inundar as veias.

Uma tarde, Paula pediu que Gabriela fosse até a sala reservada da delegacia de crimes cibernéticos. Havia uma mesa com computadores, telas mostrando linhas de números e códigos.

“Conseguimos rastrear o IP principal usado para administrar o fórum e enviar as primeiras fotos”, disse. “O responsável é um adolescente de quatorze anos. Aluno de uma escola pública no bairro vizinho.”

Quatorze anos. Um ano, talvez dois, mais velho do que seus alunos. A notícia atingiu Gabriela de um jeito difícil de explicar. Não havia a imagem de um criminoso adulto, de um estranho sem rosto. Havia um menino. Quase criança.

O choque não diminuía o estrago, mas bagunçava as perguntas.

“Estamos planejando uma busca na residência”, continuou Paula. “Precisamos agir rápido antes que ele apague os registros. Já temos mandado judicial.”

Na madrugada daquela mesma noite, Gabriela voltou ao seu diário virtual. O cansaço pesava, mas a cabeça permanecia acesa.

Escreveu:

“Hoje soube o nome por trás do meu medo. Quatorze anos. Talvez mais perdido do que cruel. Mas a dor que sinto não escolhe idade. Fico me perguntando se em algum momento eu falhei com alguém como ele, se deixei de ouvir, de enxergar. Quero entender, mas também quero justiça. A sensação de invasão é tão grande que parece que cada pedaço da minha vida foi fotografado e pendurado num mural sem a minha permissão. Será que ele tem ideia do que fez.”

Na manhã seguinte, a polícia cumpriu o mandado. A casa de Eduardo ficava numa rua simples, com fachadas descascadas e portões de ferro. Por fora, parecia qualquer outra casa. Por dentro, o quarto dele guardava outro mundo.

Quando os agentes abriram a porta, depararam com telas acessas, a luz azulada de monitores contrastando com a sombra da cortina fechada. Havia fóruns abertos em abas múltiplas, registros de acessos, capturas de tela guardadas de forma organizada demais para a idade. Cadernos com anotações sobre horários, rotinas, mapas da região das escolas.

Era como se ele tivesse transformado gente em projeto.

A mãe de Eduardo, sentada na sala, parecia menor do que o sofá. Os olhos vermelhos, a expressão em choque. Repetia frases fragmentadas. Dizia que o filho era quieto, que passava muito tempo no computador, que nunca imaginou aquilo.

Na delegacia, durante o interrogatório, Eduardo sentou com os braços cruzados, o olhar perdido num ponto qualquer da parede.

Paula tentou um tom que não fosse nem agressivo nem condescendente.

“Por que você fez isso, Eduardo.”

Ele demorou a responder. Quando falou, foi com uma calma que incomodava.

“A internet é um lugar público. Se as pessoas não querem ser vistas, deveriam ficar em casa.”

A frieza da frase atravessou Gabriela como um vidro quebrado. Não havia arrependimento visível. Apenas uma lógica distorcida, uma ideia de que o outro era cenário, nunca sujeito.

Paula insistiu, fez outras perguntas. Apontou os planos escritos, as piadas combinadas, as enquetes. Eduardo mantinha o tom distante. Dizia que era brincadeira, que todo mundo fazia, que a professora era famosa na escola, que virou “personagem”.

Por ser menor, ele não poderia ser preso. Ficaria sujeito a medidas socioeducativas. A lei existia. A justiça, de alguma forma, também. Mas justiça não anulava o dano. Apenas dava um contorno para que ele não se espalhasse sem rumo.

Mais uma vez, Gabriela saiu da delegacia com um misto de alívio e tristeza. O culpado tinha nome, idade, endereço. Ainda assim, a sensação de insegurança continuava aberta como ferida exposta ao ar.

Um rastro que continua

No caminho de volta para casa, o ônibus parecia mais vazio do que na ida. A cidade passava pela janela como um filme engolido pela pressa. Gabriela recostou a cabeça no vidro e fechou os olhos por alguns instantes. Pensou em Livia, em Helena, em outras professoras que talvez vivessem algo parecido sem nome nem fórum rastreado.

O celular vibrou novamente.

Um arrepio percorreu o corpo.

Abriu a notificação com cuidado. Não havia remetente identificado. Apenas uma foto. Nela, ela mesma, parada em frente ao portão da escola, olhando para o lado, como se aguardasse alguém. A imagem era levemente embaçada, como se o autor estivesse longe ou com a mão trêmula.

A diferença é que aquela foto tinha sido tirada no dia anterior, depois que o computador de Eduardo já estava apreendido.

Gabriela sentiu o coração acelerar de um jeito que quase doeu.

Guardou a imagem. Não como lembrança apenas da dor, mas como sinal de algo que já começava a entender. Eduardo era peça importante, mas não era o único. Havia mais olhos por trás de telas. Mais gente tratando vidas como conteúdo. E, em algum lugar, alguém ainda se divertia com a ideia de que a vigilância continuava.

Naquela noite, antes de dormir, escreveu a última frase no diário:

“Agora eu sei que a minha história não é só minha. Ela é parte de algo maior. Eu não queria essa batalha, mas ela veio. E se quiserem continuar me observando, que vejam também o que escolhi ser: alguém que não vai mais se calar por medo.”

Depois fechou o computador, apagou o abajur e, pela primeira vez desde o museu, permitiu que o sono viesse sem luta, mesmo que cheio de sonhos estranhos. Porque sabia que, do outro lado, não estava só.

Havia uma rede de mulheres, de educadores, de delegadas, de diretores, de estagiárias, de mães em reconstrução, traçando em silêncio uma linha comum. Uma linha que dizia, ainda que sem dizer: ninguém mais vai ser personagem sem voz na própria história.

Capítulo 14

Flashback e

o Mundo de Eduardo.

Toda história tem uma sombra.

O quarto de Eduardo parecia menor à noite. A luz azulada dos monitores era a única coisa que realmente existia ali. O resto era sombra. A cama encostada na parede, o armário com a porta ligeiramente torta, o ventilador de teto que girava preguiçoso. Tudo era cenário. O centro da cena era a mesa. E sobre a mesa, os dois monitores, o teclado, o mouse, os fones, um mundo inteiro que não cabia em lugar nenhum fora dali.

O som dos cliques era constante. Pequenas explosões secas ocupando o silêncio que a casa deixava. Cada toque no teclado era uma forma de dizer eu existo, sem ter que abrir a boca.

Lá fora, o corredor recebia o som abafado da voz da mãe. Ela conduzia mais uma sessão on line, falando sobre dor, abandono, vínculos, auto estima. Termos que Eduardo conhecia, mas não usava para si. Ele encostava o ouvido na porta às vezes, quando era menor. Queria ouvir o próprio nome dito com aquela atenção toda. Nunca ouviu. Para a mãe, ele era assunto em supervisão, caso na faculdade, diagnóstico em construção. Para os pacientes, ela era colo e estrutura. Para ele, em muitos dias, era apenas uma porta fechada com o aviso de reunião importante.

No computador, entretanto, ninguém pedia que ele fosse paciente ou compreensivo. Ali ele era administrador, moderador, observador. Não precisava contar nada de sua vida, mas podia saber da vida de muita gente.

O diário digital que mantinha não tinha capa, cheiro de papel ou cadeado. Era uma pasta escondida com nome técnico que não chamava atenção. Dentro dela, arquivos com datas, títulos discretos, textos que ninguém nunca tinha lido.

Numa das entradas, ele havia escrito:

“O mundo é um tabuleiro de xadrez. As pessoas acham que vivem histórias livres, mas seguem padrões. Eu observo. Estudo. Planejo. A professora é só uma peça que se mexe achando que ninguém vê. Ninguém sabe que está sendo observado. Isso me dá poder. É fascinante.”

Para Eduardo, nada daquilo era maldade. Ele se convencia disso. Repetia para si mesmo que era curiosidade, interesse científico, vontade de entender. O fato de a curiosidade dos outros doer em gente real não entrava na equação. Ele não sentia o impacto nas costas de ninguém. Só sentia a

excitação da descoberta no próprio peito.

Quando criou o fórum onde Gabriela virou personagem, estava numa madrugada parecida. A casa inteira dormia. A mãe tinha saído para dar plantão em um hospital psiquiátrico. O relógio marcava quase duas da manhã. O quarto cheirava a poeira de eletrônicos, fio quente, resto de salgadinho. Abriu um site de hospedagem simples, testou nomes, descartou os que pareciam óbvios. Queria algo que parecesse brincadeira, mas que, ao mesmo tempo, soasse inteligente. Acabou escolhendo um título neutro, falando de personagens da vida real.

O passo seguinte foi decidir o alvo. Já observava Gabriela havia meses. Via quando o ônibus da escola parava perto do cruzamento. Via quando ela descia sozinha e ficava alguns minutos esperando portão abrir. Achou curioso que ela sempre mexesse na alça da bolsa quando estava distraída. Uma mania mínima, quase invisível. Para ele, isso era dado precioso.

Antes de lançar o fórum, perguntou numa comunidade anônima se alguém já tinha feito um “estudo de personagem” com professores. Recebeu respostas misturando piada e estratégia. Um perfil chamou atenção: nome genérico, avatar sem rosto.

“Se quer que o jogo renda, escolha alguém que tenha grupo grande perto. Professor é ótimo alvo. Todo mundo tem opinião. Use memes. Não ataque de frente. Transforme em diversão coletiva. O resto vem.”

O usuário se apresentou apenas como quatro letras seguidas de números. Não parecia adolescente. O vocabulário era técnico, fluido demais. Eduardo sentiu um tipo de admiração por aquela mente desconhecida. Começou a segui-lo, acompanhando os comentários que fazia em outros fóruns. Ele falava sobre segurança digital, brechas em sistemas, fragilidade de senhas institucionais. Em alguns tópicos, citava casos de escolas em outros bairros.

Uma noite, esse usuário mandou mensagem privada.

“Você observa bem”, escreveu. “Dá para ir além do que está fazendo. Controlar o enredo é mais interessante do que só olhar.”

Eduardo leu e releu aquela frase. A palavra controlar acendeu um lugar antigo dentro dele, muito antes da internet.

Lembrou de uma cena de infância. Tinha oito anos. A mãe o deixara com uma tia para ir a um congresso. Ele ficara sentado no tapete da sala, montando blocos de encaixe, enquanto os adultos falavam na cozinha. A porta estava quase encostada.

Ele ouviu o próprio nome junto de outras palavras: difícil, fechado, resistente, perfil que precisa de

acompanhamento. Não lembrava a frase exata, só o efeito. Nesse dia, guardou uma certeza que o acompanharia por anos. Para os outros, ele era um problema para ser entendido, não uma pessoa para ser escolhida.

Controlar passou a ser sua resposta para isso. Se não podia controlar o que falavam sobre ele, controlaria o que sabia dos outros.

Os primeiros passos no fórum foram tímidos. Uma foto de longe da professora no ponto de ônibus. Um comentário sobre o jeito que ela explicava a matéria. Alguns riram, outros ignoraram. Ele quase desistiu. Então, em uma manhã qualquer, postou um pequeno vídeo dela tropeçando no degrau da sala, recortado de câmera de celular alheia. Não se lembrava como conseguira o arquivo. Apenas sabia que, naquele dia, a postagem explodiu.

Os comentários subiram rápido. Alunos de outras escolas entraram no fórum. Apelidos surgiram, piadas também. Eduardo sentiu as mãos suarem. Cada novo comentário era um choque elétrico agradável. A timeline, pela primeira vez, girava em torno de algo que ele provocara.

No diário digital daquela noite, escreveu:

“Consegui. Ela virou assunto em outras escolas. Ninguém sabe que eu existo, mas todo mundo viu o meu efeito. Quando eu desligo o computador, volto a ser ninguém. Aqui dentro, não.”

Aos poucos, foi subindo o nível. Passou a observar horários em que ela chegava, padrões de roupas, manias de fala. Anotava tudo em um caderno surrado, com capa preta, guardado na gaveta mais alta. Chamava aquilo de mapa.

Quando o usuário misterioso comentava, Eduardo sentia que recebia uma espécie de selo de aprovação. Uma vez, esse perfil escreveu:

“Você ainda está jogando no nível fácil. Tem muito material nos sistemas da própria rede de ensino. Se soubesse o que dá para fazer com um login de servidor, ficaria impressionado.”

Eduardo tentou acessar coisas maiores, mas não tinha habilidade técnica para invadir servidores. O mais que conseguia era criar perfis falsos, usar ferramentas comuns, esconder IP com tutoriais que parecia entender pela metade. Ainda assim, aquela presença distante, aquele mentor anônimo, alimentava a fantasia de que ele fazia parte de algo maior.

Quando a primeira intimação chegou e o fórum foi derrubado, ele se sentiu traído pela própria tela. Não achava que aquilo pudesse dar em delegacia, medidas socioeducativas, relatórios. Ainda tentava se convencer de que era só brincadeira.

Na sala da delegacia, com a delegada Paula à frente e a mãe sentada ao lado, os monitores não

estavam ali para protegê-lo. Só as paredes claras, a mesa fria, o gravador ligado.

A delegada o observou por alguns segundos antes de falar.

“Eduardo, você entende o impacto do que fez.”

Ele deu de ombros, fingindo indiferença. Mas a mão direita coçava o canto da unha, um gesto repetitivo que denunciava o nervosismo.

Ela insistiu.

“Você viu as fotos que foram parar em grupos que não eram da sua escola. Você viu as montagens.

Você leu os comentários. Consegue imaginar como Gabriela se sentiu ao ser exposta desse jeito.”

Ele respondeu sem olhar nos olhos dela.

“Todo mundo posta tudo o tempo todo. A internet é um lugar público. Se as pessoas não querem ser vistas, não deveriam se expor.”

A delegada respirou fundo.

“Ela não se expôs. Ela estava trabalhando. Quem a expôs foi você. E não foi só postar. Foi planejar, editar, alimentar. Como se sentiria se alguém fizesse isso com a sua mãe. Fotografasse ela saindo de um plantão cansada, fizesse piada com a roupa, com a cara dela, espalhasse em fóruns.”

A palavra mãe pareceu bater num ponto que ele tentava manter trancado. Os dedos apertaram o joelho sem que ele percebesse. Houve um breve silêncio antes da resposta.

“Minha mãe já é motivo de piada suficiente”, murmurou.

Era verdade pela metade. Ele já tinha visto comentários em redes sociais sobre a mãe ser a psicóloga que não consegue cuidar do próprio filho. Já ouvira, no corredor, alguém dizer que criança de psicóloga é a mais problemática. Aquilo o cortava, mas ele decidira transformar a dor em dureza. Não ia admitir que doía. Então transformava em desdém.

Paula percebeu a fissura no discurso, mas não o expôs mais. Explicou o que aconteceria a partir dali. Medidas socioeducativas, acompanhamento, reparação possível. Falou também da investigação maior. Disse que o fórum que ele criara estava ligado por links e padrões a outros espaços virtuais onde professores de diferentes escolas haviam sido alvo. Citou nomes sem entrar em detalhes.

Lívia. Helena. Um caso em outra cidade.

“Você não começou isso”, afirmou. “Mas ajudou a espalhar. Parte dos scripts que você usou, dos caminhos de acesso, vieram de orientações de pessoas mais velhas, com mais conhecimento técnico. Estamos tentando chegar nelas.”

Eduardo ouviu a palavra scripts e lembrou na hora das mensagens do usuário misterioso. Pensou

em dizer algo. Não disse. A lealdade distorcida falava alto. Aquela figura sem rosto era, no seu imaginário, a única que o havia visto como alguém inteligente. Delatar doía.

Na sala ao lado, Gabriela esperava. Sentada em uma cadeira de plástico, o celular mudo dentro da bolsa, as mãos fechadas uma sobre a outra. O clima da delegacia tinha cheiro de desinfetante e poeira antiga. O relógio na parede parecia andar mais devagar ali.

Às vezes, ela ouvia o som abafado de vozes além da porta. Não distinguia as palavras, mas percebia o ritmo. A firmeza constante da delegada, as respostas curtas do garoto. Pensou em como era estranho ouvir a história do próprio sofrimento narrada em terceira pessoa, catalogada, registrada em boletim.

Um policial ofereceu água. Ela agradeceu, mas a garganta parecia incapaz de engolir qualquer coisa. Ficou olhando o copo plástico na mão, observando o reflexo da luz no pequeno círculo de água. Quando a delegada saiu da sala com um olhar mais cansado do que antes, aproximou-se de Gabriela e se sentou ao lado dela por alguns instantes.

“Ele é muito jovem”, disse. “Jovem e confuso. Mas o que fez foi grave. E ele precisa entender isso.” Gabriela respirou devagar.

“Ele parece entender.”

“Entende em partes”, respondeu Paula. “Entende a mecânica, não o impacto. Acha que está jogando. Não percebe que do outro lado tinha alguém tentando só viver um dia de trabalho.”

Gabriela ficou em silêncio por alguns segundos.

“Ele está arrependido.”

Paula hesitou.

“Acho que está assustado. O arrependimento, se vier, vai demorar. Tem muito ego na frente da empatia. Mas o susto já é um começo. E é por isso que o sistema existe. Para frear antes que vire algo maior. Mesmo assim, eu sei que nada disso devolve a sensação de segurança que você perdeu.” Aquelas palavras acertaram em cheio. Nada devolveria o antes. Não ao menos da mesma forma. Mais tarde, em casa, Gabriela abriu o diário virtual. O cansaço era um peso em cada articulação. Sentia os músculos pedirem cama, mas a mente pedia nome. Precisava transformar o dia em texto, ou tudo se dissolveria num borrão dolorido demais.

Escreveu:

“Eduardo não é só agressor. Também é um jovem perdido, preso em um labirinto onde o único eco que ele ouve é o próprio clique no teclado. O poder que ele sente é falso, mas a dor que ele causa é

real. Sinto uma tristeza enorme por ele. Tristeza e raiva convivem em mim como duas águas que não se misturam, mas dividem o mesmo copo. Quero que ele responda por tudo. Quero também que alguém o veja além do código. O que me assusta mais é saber que ele não está sozinho. Há vozes atrás da voz dele. Perfis anônimos que empurram, orientam, gozam com a queda de quem só queria trabalhar em paz.”

Fechou os olhos por um instante depois de escrever. Na mente, a imagem do quarto azul de Eduardo, que ela não conhecia, mas imaginava. Uma criança maior cercada de telas, confundindo controle com afeto, vigilância com pertencimento.

A história já não era apenas a de uma professora exposta em um fórum. Era o retrato de uma engrenagem mais ampla, onde a solidão de um menino, o esgotamento de uma mãe psicóloga, a cultura de humilhação nas redes, a fragilidade das instituições e a falta de limite coletivo se encontravam.

Gabriela sabia que os próximos capítulos envolveriam não apenas medidas legais, mas conversas na escola, formações sobre uso de tecnologia, encontros com famílias, trocas entre redes. Sabia que voltaria a ver o nome de Eduardo em relatórios, atas e reuniões. Sabia que, em algum momento, talvez fosse convidada a estar na mesma mesa que ele, como educadora, como vítima, como testemunha.

O confronto entre a dor dela e o vazio dele não era simples. Era uma coreografia silenciosa e cruel. Em um lado, alguém que teve a privacidade arrancada. No outro, alguém que acreditou que privacidade era apenas uma ilusão antiga num mundo de telas. No meio, o sistema todo aprendendo tarde demais a nomear coisas como violência, abuso, exposição.

Antes de desligar o computador, ela releu o parágrafo final e acrescentou uma frase pequena. “Talvez a justiça que eu queira não seja só punição. Talvez seja mudança.”

Salvou o arquivo, fechou a máquina e ficou alguns segundos olhando o próprio reflexo apagado na tela escura. Viu ali uma mulher que já tinha caído e levantado mais de uma vez. Viu também a sombra de muita gente que ela nem conhecia, mas que seria impactada pelo que estava começando a ser discutido.

Sabia, no fundo, que aquela história não ficaria restrita à delegacia. Era o início de um debate maior sobre como educar para além da parede da sala, para além do portão da escola, para além do conforto da tela. E, mesmo cansada, sentiu uma faísca pequena no peito. Uma convicção quase tímida de que, transformada em voz, a dor talvez ajudasse a impedir que novas histórias virassem

entretenimento anônimo em algum canto escuro da internet.

Capítulo 15

O Julgamento das Aparências

O silêncio também coleciona provas.

O corredor da escola parecia mais estreito naquela manhã. O som dos passos ecoava nas paredes, e Gabriela sentia o ar denso, pesado, quase pastoso. Não havia vozes. Só murmúrios. Olhares que duravam meio segundo a mais do que o necessário. Um copo de café sendo pousado na mesa, uma conversa cortada no meio, um riso abafado. Era o tipo de silêncio que fala alto demais.

Na sala dos professores, o cheiro do giz misturava-se ao do café requentado. Ela cumprimentou com um leve aceno, mas as respostas vieram frias, evasivas. Alguns desviaram o olhar. Outros sorriram sem emoção, como quem teme ser o próximo alvo. Gabriela se sentou perto da janela, tentando se esconder no feixe de luz que atravessava as cortinas.

Lá fora, o pátio fervilhava. Crianças corriam, riam, chutavam bolas e lançavam papéis pelo ar. A vida seguia. Mas dentro da sala, o tempo parecia parado em um ponto entre o julgamento e o esquecimento.

Na saída, ouviu duas mãos cochichando perto do portão.

— Você viu o que aconteceu com a professora Gabriela?

— Ouvi dizer que foi coisa séria. Mas ninguém fala o que ela fez.

— Talvez tenha alguma culpa. Essas coisas não acontecem do nada.

Gabriela apertou o passo. O som das próprias respirações era mais alto do que as vozes. O coração batia num ritmo que lembrava o barulho seco das teclas do computador que ela temia ver aceso.

Em casa, deixou a bolsa no sofá e sentou sem acender as luzes. A cidade respirava do lado de fora — buzinas, vozes, sirenes ao longe —, mas ali dentro tudo era silêncio. Renato chegou pouco depois, trazendo pão quente e o olhar cansado.

— Você está pálida, Gabi. Come alguma coisa.

Ela balançou a cabeça, sem forças.

— Não é fome, é exaustão. As pessoas olham como se eu tivesse feito algo errado. Como se eu fosse culpada por existir.

Renato sentou ao lado, em silêncio. Tocou a mão dela com cuidado.

— O tempo vai colocar as coisas no lugar.

— O tempo não apaga o que as pessoas acreditam. Só muda a forma como sussurram.

Ficaram assim, mãos entrelaçadas, respirando juntos. O relógio na parede marcava oito e quarenta e cinco, e a casa inteira parecia suspensa entre um antes e um depois.

Nos dias seguintes, a escola virou uma arena discreta de opiniões. Uns diziam que Gabriela era vítima, outros insinuavam que “ninguém é santo”. Havia quem se calasse por medo, quem a defendesse em voz baixa, quem preferisse não se envolver. As redes sociais, por sua vez, funcionavam como eco distante — notícias truncadas, comentários anônimos, versões distorcidas. Um e-mail da diretora convocou uma reunião extraordinária com os pais. A sala de multimídia ficou lotada. O ar condicionado zumbia alto, abafando a inquietação.

A diretora tomou a palavra, com a voz firme, mas o olhar tenso.

— A escola lamenta profundamente o ocorrido. Estamos colaborando com as autoridades, acompanhando a situação e implementando medidas de proteção digital e emocional para nossos servidores.

Uma mãe levantou a mão, impaciente.

— E como deixaram isso acontecer? Como um aluno pôde fazer algo assim sem ninguém perceber?

Outra completou:

— E se fosse com nossos filhos?

Gabriela, sentada no fundo, sentia cada palavra como um espinho. A vontade era desaparecer, mas ficou. Precisava ouvir. Precisava ver até onde iam as aparências.

A diretora respondeu com serenidade:

— Estamos todos aprendendo com o ocorrido. A escola é um espaço vivo, e às vezes o que acontece fora dela invade sem pedir licença.

Os pais murmuraram, alguns concordando, outros balançando a cabeça. Gabriela saiu antes do final, antes que alguém a olhasse de frente.

Do lado de fora, o céu estava cinza, e o vento frio trouxe o cheiro de terra molhada. Caminhou devagar até o ponto de ônibus, como se cada passo fosse uma tentativa de retomar o próprio corpo.

Dias depois, veio a convocação judicial.

A audiência seria na semana seguinte.

O Fórum Municipal ficava no centro, um prédio antigo com janelas altas e corredores de eco metálico. No dia marcado, Gabriela chegou cedo. O som dos saltos no piso de mármore parecia fora de lugar. Ela segurava a bolsa contra o peito, como quem protege um segredo.

A sala de audiência era fria. Luz branca, ar condicionado exagerado, cheiro de papel novo. A juíza, uma mulher de semblante sereno e firme, ajeitava os documentos. À direita, a delegada Paula folheava o relatório com expressão concentrada. Do outro lado, o advogado de defesa, jovem demais, falava baixo com Eduardo.

O menino estava diferente. Mais magro, o cabelo caindo sobre os olhos, as mãos inquietas no colo. Parecia menor do que sua idade. Gabriela o olhou e, por um instante, sentiu uma pontada de compaixão atravessar o medo.

A juíza começou a leitura formal. As palavras vieram lentas, impessoais, quase burocráticas: “invasão de privacidade, difamação, dano moral, medida socioeducativa”. Cada termo parecia uma pedra sendo empilhada dentro da sala.

O advogado se levantou.

— Excelência, peço que se considere a idade e a imaturidade do réu. Eduardo não tinha plena noção das consequências de seus atos. Agiu por curiosidade, não por malícia.

A delegada Paula, serena, rebateu:

— Com todo respeito, curiosidade não explica tamanha crueldade. Foram meses de perseguição, exposição e humilhação. A vítima ainda sofre as consequências. O acompanhamento é necessário, mas sem minimizar a gravidade.

Gabriela sentia o corpo vibrar em silêncio. O som das vozes parecia distante, como se viesse debaixo d'água. A juíza lhe deu a palavra.

Ela respirou fundo. A voz saiu trêmula no início, mas firme logo em seguida.

— Eu não estou aqui por vingança. Só quero que isso tenha um sentido. Que o que aconteceu comigo sirva para mostrar que as palavras, as imagens e os cliques têm peso. Que não existe anonimato para a dor. Eu quero poder voltar a dar aula sem sentir medo de existir.

A juíza assentiu, e por um instante, o silêncio da sala pareceu uma resposta. Eduardo manteve os olhos baixos, mas quando ela terminou, levantou o olhar rapidamente. Havia algo ali — talvez culpa, talvez confusão, talvez só o espelho de uma adolescência que se perdeu entre telas.

A sentença veio simples e breve:

Eduardo cumpriria medida socioeducativa, com acompanhamento psicológico e restrições digitais. Deveria participar de atividades de reparação em instituições educativas e, se quisesse, poderia escrever uma carta à vítima como parte do processo reflexivo.

Gabriela não chorou. Apenas respirou. O ar pareceu entrar pela primeira vez em semanas.

Na saída, o sol do meio-dia ofuscou os olhos. Renato a esperava na calçada, segurando uma garrafa d'água. Abraçou-a sem dizer nada.

— Você foi forte — murmurou ele.

— Fui humana — respondeu ela.

O tempo passou devagar, mas passou.

A vida começou a reencontrar um ritmo. Pequenos gestos voltaram a fazer sentido: regar as plantas, corrigir cadernos, esperar o ônibus sem olhar por cima do ombro. Ainda havia olhares desconfiados, mas também havia outros — gentis, silenciosos, cúmplices.

Na escola, a diretora propôs que Gabriela liderasse um novo projeto de educação digital e cidadania. Ela hesitou. Tinha medo de transformar sua dor em espetáculo. Mas, aos poucos, percebeu que era justamente ali que poderia mudar o sentido da história.

O projeto recebeu o nome de **“Olhos Abertos”**.

Na primeira roda de conversa com os alunos, a sala estava cheia de olhares curiosos. Gabriela respirou fundo antes de começar.

— Quero falar sobre o que significa olhar. Olhar pode ser cuidado, mas também pode ser invasão. A diferença está na intenção. Eu aprendi isso de um jeito difícil, e quero que vocês não precisem aprender assim.

Os alunos ficaram em silêncio. Uma menina levantou a mão.

— Professora, quando a gente ri de alguém na internet, mesmo sem maldade, isso machuca também?

Gabriela sorriu, com doçura.

— Machuca, sim. Às vezes mais do que uma palavra dita na frente. Porque na rede o riso não acaba, ele se repete.

As semanas seguintes foram intensas. O projeto cresceu, ganhou apoio da SME e de outras escolas. As rodas de conversa se multiplicaram. Pais começaram a participar. Um grupo de alunos criou cartazes, vídeos, pequenas campanhas de conscientização.

Um dia, ao chegar à sala, Gabriela encontrou um envelope anônimo sobre sua mesa. Dentro dele, uma folha simples, escrita à mão, com letra irregular:

“Aprendi a olhar diferente.”

Ela não sabia quem havia escrito, mas guardou o bilhete entre as páginas do diário. Não como

lembrança da dor, mas como prova de que algo havia mudado.

À noite, ao lado de Renato, comentou:

— Talvez essa seja a verdadeira justiça. Quando o erro vira aprendizado.

— E você, Gabriela, também aprendeu?

Ela olhou para ele, pensativa.

— Aprendi que a gente sobrevive até mesmo quando acha que não vai. E que existe beleza em recomeçar, mesmo que o recomeço venha cheio de cicatrizes.

Meses depois, o projeto “Olhos Abertos” foi premiado por uma fundação educacional. Gabriela subiu ao palco do auditório para receber o reconhecimento. As luzes do refletor a deixaram por um instante sem enxergar a plateia. No microfone, a voz saiu calma:

— Este projeto nasceu de uma ferida. Mas descobri que feridas também podem ensinar. Quero dedicar este reconhecimento a todos que já foram julgados pelas aparências. Que saibam: existe vida depois do medo, e ela pode ser ainda mais verdadeira.

Aplausos suaves preencheram o auditório. Não eram estrondosos, mas sinceros.

Quando voltou para casa, tirou os sapatos e abriu a janela. A noite estava limpa, o ar morno, o cheiro de chuva distante. Sentou-se à mesa e abriu o diário digital uma última vez.

Escreveu:

“Hoje percebi que a vergonha perdeu a força. Ainda há lembranças, mas elas não doem tanto. O menino que me feriu talvez esteja aprendendo, e eu também. A escola, com todos os seus ruídos e medos, continua sendo o lugar onde o mundo se refaz todos os dias. Talvez seja isso que eu tenha vindo fazer aqui: aprender a ver o outro sem deixar de me ver.”

Fechou o notebook. Ficou olhando o reflexo da tela apagada. A mulher refletida ali não era mais a mesma de meses atrás. Tinha marcas novas, mas o olhar... o olhar era o de quem finalmente entendia que ser vista não é o mesmo que ser exposta.

No dia seguinte, antes de sair para o trabalho, colocou o crachá no pescoço, respirou fundo e olhou o próprio rosto no espelho. Não havia medo, apenas calma.

Do lado de fora, o sol começava a nascer, tingindo o céu de laranja e ouro. A cidade despertava. E, com ela, uma professora voltava a existir: inteira, atenta, de olhos abertos.

